

KAREN CRISTINA MARTINS SECUNDO VILLELA

A NOVA CLASSE C BRASILEIRA - ANÁLISE DAS MUDANÇAS QUE
OCORRERAM E OS REFLEXOS PARA A ECONOMIA BRASILEIRA (2003/2010).

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como
requisito para obtenção do certificado de conclusão do curso de especialização
Decisão de Investimentos e Análise Estratégica de Riscos.

Orientador Prof. Dr. Jason Tadeu Borba

SÃO PAULO

2013

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar as mudanças socioeconômicas que ocorreram no período compreendido entre 2003 e 2010. Traz informações sobre o aumento do emprego e a movimentação que ocorreu na base da pirâmide impulsionada pelo setor terciário e ainda quais as mudanças na renda da população neste período. Aborda a inclusão bancária da população de baixa renda que, com maior acesso ao crédito, aliado a redução da taxa de juros juntamente com políticas sociais e uma melhor distribuição da renda passou a consumir mais e melhor, e como tais fatores contribuíram de forma relevante para a estabilidade e o crescimento econômico brasileiro.

ABSTRACT

This study aims to determine the socioeconomic changes that occurred in the period between 2003 and 2010. Provides information on employment growth and movement that occurred at the base of the pyramid driven by the tertiary sector and also what changes in the income of the population in this period. Addresses the banking inclusion of low income, with greater access to credit, coupled with reduced interest rate along with social policies and better income distribution became more and consume better and how these factors contributed significantly to the Brazilian economic stability and growth.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| RESUMO..... | i |
| ABSTRACT | i |
| SUMÁRIO..... | ii |
| LISTA DE GRÁFICOS..... | iii |
| LISTA DE TABELAS | vi |
| APRESENTAÇÃO..... | 7 |
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1. EMPREGO E RENDA..... | 12 |
| 1.1. EMPREGO..... | 12 |
| 1.2. SETORES PÚBLICO E PRIVADO NA OFERTA DE EMPREGO | 14 |
| 1.3. DISTRIBUIÇÃO DE RENDA DA POPULAÇÃO..... | 19 |
| 2. CRÉDITO..... | 25 |
| 2.1. INCLUSÃO BANCÁRIA | 25 |
| 2.2. MAIOR ACESSO AO CRÉDITO | 26 |
| 2.3. REDUÇÃO DA TAXA DE JUROS..... | 32 |
| 3. O CONSUMO DA NOVA CLASSE C BRASILEIRA | 35 |
| 3.1. PARTICIPAÇÃO DO CONSUMO INTERNO NO PIB BRASILEIRO..... | 35 |
| 3.2. PERFIL DE CONSUMO DA CLASSE C | 37 |
| CONCLUSÃO..... | 40 |
| BIBLIOGRAFIA | 41 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| GRÁFICO 1 – POPULAÇÃO OCUPADA VS. POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA..... | 12 |
| GRÁFICO 2 – GERAÇÃO LÍQUIDA DE EMPREGO..... | 13 |
| GRÁFICO 3 – TAXA DE DESEMPREGO (%PEA)..... | 14 |
| GRÁFICO 4 – SETOR PÚBLICO X SETOR PRIVADO..... | 14 |
| GRÁFICO 5 – BRASIL: EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO SETORIAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO (EM%)..... | 15 |
| GRÁFICO 6 – BRASIL: EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO SETORIAL DA OCUPAÇÃO (EM %)..... | 16 |
| GRÁFICO 7 – CRIAÇÃO LÍQUIDA DE POSTOS DE TRABALHO (milhares, saldo acumulado em 12 meses)..... | 16 |
| GRÁFICO 8 - EVOLUÇÃO DO SALÁRIO MÍNIMO NOMINAL E RENDIMENTO MÉDIO NOMINAL DA POPULAÇÃO OCUPADA..... | 19 |
| GRÁFICO 9 – EVOLUÇÃO DO PIB, SALÁRIO MÍNIMO REAL E RENDIMENTO MÉDIO REAL EFETIVO DA POPULAÇÃO OCUPADA (%)..... | 20 |
| GRÁFICO 10 – SALÁRIO MÍNIMO A PREÇOS DE OUTUBRO DE 2011..... | 21 |
| GRÁFICO 11 - PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA..... | 21 |
| GRÁFICO 12 - PORÇÃO DE POBRES (% da população)..... | 22 |
| GRÁFICO 13 – RENDIMENTO MÉDIO REAL DA POPULAÇÃO OCUPADA, POR ANOS DE ESTUDO..... | 22 |

| | |
|--|----|
| GRÁFICO 14 – VARIAÇÃO DO RENDIMENTO MÉDIO REAL DA POPULAÇÃO OCUPADA, POR ANOS DE ESTUDO (%)..... | 23 |
| GRÁFICO 15 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR CLASSES ECONÔMICAS (% da população)..... | 24 |
| GRÁFICO 16 – OPERAÇÕES DE CRÉDITO COM RECURSOS LIVRES E DIRECIONADOS..... | 26 |
| GRÁFICO 17 – NÚMERO DE CARTÕES..... | 28 |
| GRÁFICO 18 – NÚMERO DE CARTÕES POR CLASSE DE RENDA..... | 28 |
| GRÁFICO 19 – CRÉDITO POR MODALIDADE..... | 29 |
| GRÁFICO 20 – PARTICIPAÇÃO DO CRÉDITO HABITACIONAL NO TOTAL PESSOA FÍSICA..... | 29 |
| GRÁFICO 21 – EVOLUÇÃO DOS FINANCIAMENTOS TOTAIS DO SFH(SBPE+FGTS)..... | 30 |
| GRÁFICO 22 – OPERAÇÕES DE CRÉDITO TOTAL PESSOAS FÍSICA (CRÉDITO CONSIGNADO)..... | 31 |
| GRÁFICO 23 - OPERAÇÕES DE CRÉDITO PARA PESSOA FÍSICA..... | 31 |
| GRÁFICO 24 - ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS E COMPROMETIMENTO DA RENDA (% ACUM. 12 M.)..... | 32 |
| GRÁFICO 25 – TAXA SELIC E TAXA REAL ex-ante (%a.a.)..... | 33 |
| GRÁFICO 26 – TAXA DE JUROS EM OPERAÇÕES ATIVAS DE CRÉDITO..... | 33 |
| GRÁFICO 27 – SPREAD BANCÁRIO PESSOA FÍSICA (p.p.)..... | 34 |
| GRÁFICO 28 – TAXAS DE INADIMPLÊNCIA (% DO TOTAL)..... | 34 |
| GRÁFICO 29 – DECOMPOSIÇÃO DO CRESCIMENTO DO PIB (% A.A.)..... | 35 |

| | |
|--|----|
| GRÁFICO 30 - DISTRIBUIÇÃO DAS DESPESAS DE CONSUMO MONETÁRIA E NÃO MONETÁRIA MÉDIA MENSAL FAMILIAR, POR TIPOS DE DESPESAS – BRASIL..... | 37 |
|--|----|

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| TABELA 1 – PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS GRUPOS DE ANOS DE ESTUDO..... | 18 |
| TABELA 02 – CONTA CORRENTE E RELAÇÃO COM INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS..... | 25 |
| TABELA 3 – QUANTIDADE DE CLIENTES IDENTIFICADOS NO SCR..... | 27 |
| TABELA 4 - TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB E DO CONSUMO DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS..... | 36 |
| TABELA 5 - MAIORES VARIAÇÕES DE DESPESAS DA CLASSE MÉDIA ENTRE AS EDIÇÕES 2003 E 2009 DA POF, EM VALORES DE DEZEMBRO/2010, INFLACIONADOS PELO INPC..... | 38 |

APRESENTAÇÃO

Na última década a sociedade brasileira sofreu diversas modificações, principalmente no que se refere à reestruturação das classes econômicas, onde podemos perceber uma constante mudança, resultando no surgimento de uma nova classe C. De que forma esta nova classe C afeta a economia brasileira?

As transformações econômicas e sociais que ocorrem na última década que tiveram como maiores beneficiadas as classes C, D e E vêm afetando positivamente a economia brasileira. Impulsionada por fatores como aumento na oferta de emprego, maior acesso ao crédito para o consumidor com menores taxas de juros, controle da inflação e melhor redistribuição de renda, que resultam em uma situação econômica interna favorável e contribuem para a estabilidade e o crescimento econômico brasileiro.

O objetivo deste trabalho é constatar a veracidade da hipótese, ou seja, se as mudanças econômicas e sociais que ocorreram entre os anos de 2003 e 2010 tiveram realmente efeito positivo para a economia brasileira.

Através de uma Introdução com informações com a intenção de esclarecer a diferença entre classe social e classe econômica, facilitando o entendimento do restante do trabalho.

No primeiro capítulo denominado Emprego e Renda serão abordadas informações sobre os movimentos que ocorreram com relação à oferta de emprego no mercado de trabalho brasileiro, quais os setores da economia apresentaram maior crescimento e o que impulsionou este aumento. Abordaremos ainda as mudanças que ocorreram nos últimos anos com relação à renda no Brasil, abordando fatores de influência como educação, medidas governamentais e atividade econômica (PIB).

O segundo capítulo denominado Crédito e Juros apresenta como a disponibilidade de crédito faz com que as famílias tenham o seu poder de compra aumentado apresentando o constante aumento do consumo.

O terceiro capítulo denominado O Consumo da Classe C mostra a mudança do perfil de consumo da Classe Média, sua representatividade e participação na atividade economia do país.

Por fim será apresentado a conclusão que nos foi possível chegar resultante das informações obtidas através deste trabalho.

INTRODUÇÃO

A economia brasileira registrou forte crescimento econômico entre o período de 2003 e 2010, apresentando crescimento médio do PIB per capita de 2,88% e com queda do índice de desigualdade social (NERI, 2010). O estudo de NERI batizou a classe C de a nova classe média brasileira.

Diferente de outros períodos, o setor da economia que teve maior participação foi o da produção terciária que em 2008 representou 66,2% do PIB. Segundo POCHMANN, este crescimento possibilitou uma renovação na base da pirâmide social do Brasil.

Enquanto na década de 1970 o setor terciário gerava 30% de empregos a mais que o setor secundário, na década de 1980, o setor terciário gerou mais de 2,3 vezes o que o setor secundário, enquanto o setor primário apresentou diminuição dos postos de trabalho de nove vezes maior que a década de 1970, alterando a composição e a evolução da força de trabalho brasileira.

Apesar de muitos estudiosos afirmarem que este movimento seria classificado como o surgimento de uma nova classe média, POCHMANN explica que, mesmo que grande parcela da população trabalhadora tenha superado a condição de pobreza e passando a fazer parte da população de baixa renda não pode ser considerada como uma nova classe média:

Em síntese: entende-se que não se trata da emergência de uma nova classe – muito menos de uma classe média. O que há de fato, é uma orientação alienante sem fim, orquestrada para o sequestro do debate sobre a natureza e dinâmica das mudanças econômicas e sociais, incapaz de impedir a politização classista do fenômeno de transformação da estrutura social e sua comparação com outros períodos dinâmicos do Brasil. O mesmo parece se repetir em outras dimensões geográficas do globo terrestre, sobretudo na periferia do capitalismo, conforme o interesse de instituições multilaterais (como o Banco Mundial, entre outras) em difundir os êxitos da globalização neoliberal (POCHMANN, 2012, p.8).

O conceito de classe média por si só gera muitas discussões, existem diversas definições para classificar socioeconomicamente um país, a grande maioria utiliza como base a classificação por renda.

O conceito de classe social mais comum citado por Diéguez é o construído por Karl Marx, que mesmo não definindo exatamente o que é classe social forneceu

informações que nos permitiu criar um conceito para o tema. Para Karl as relações de produção criam as relações de classe, marcadas pelas diferenças entre os que detêm os meios de produção e os que possuem força de trabalho, burgueses e proletários. Apresenta as classes como categorias analíticas que possibilitam verificar as diferenças entre os grupos sociais, divididos por fatores econômicos, sendo fundamentais as relações de produção.

Costa relata em entrevista feita com Eduardo Fagnani:

“Essa classe média é uma fantasia que está se criando”, critica Eduardo Fagnani, do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). “Não se define a classe média pela renda, mas pela posição na estrutura populacional”, explica o economista que também participa do núcleo de estudos Plataforma Política Social. Segundo ele, o conjunto da população em ascensão ainda depende muito do sistema público de saúde, previdência e ensino e não tem entre as suas despesas o pagamento de escola particular para os filhos, a manutenção de previdência complementar, acesso a plano de saúde privado ou o costume de fazer viagens ao exterior.¹

A maior parte da literatura referente à estratificação social considera a classe média como o mais complexo elemento da malha social afirma Mattos (2012), de forma que posses ou renda não conseguem defini-la.

Segundo Mattos, sociólogos deixando de lado uma visão da economia do bem-estar se utilizam de alguns perfis para colaborar com a definição de classe média. O primeiro deles leva em consideração o acesso do indivíduo a propriedades e sua independência na manutenção de seus rendimentos, melhor percebido como profissionais especializados ou com negócios próprios. Outro perfil é aquele que exerce uma posição gerencial, que tem o *status* definido pelo poder que mantem e auxilia a ascensão social. E o ultimo seria composto por cientistas e intelectuais, que, com tais características possuem menor vulnerabilidade. Com uma visão mais aberta, a classe média é formada por indivíduos que possuem vontades e perspectivas de evolução, realizadas e mantidas pelas próprias pessoas, indivíduos estes que percebem a vida de forma semelhante.

¹ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-10-02/especialistas-divergem-sobre-ascensao-da-nova-classe-media&ei=YshE>

Vamos trabalhar no decorrer do trabalho com o conceito de classificação econômica. Para tanto, teremos o cuidado de não tratar a “classe C” brasileira como a nova classe média, evitando distorções no entendimento do conceito.

Para POCHMANN, o Brasil apresentou na última década mudanças com características diferentes das apresentadas nos últimos 50 anos, onde combina o maior crescimento da renda *per capita* com a queda da desigualdade na distribuição pessoal de renda do trabalho ressaltando a transformação social, fazendo da prevalência do regime democrático atual a maior expansão do crescimento econômico com significativas melhoras sociais.

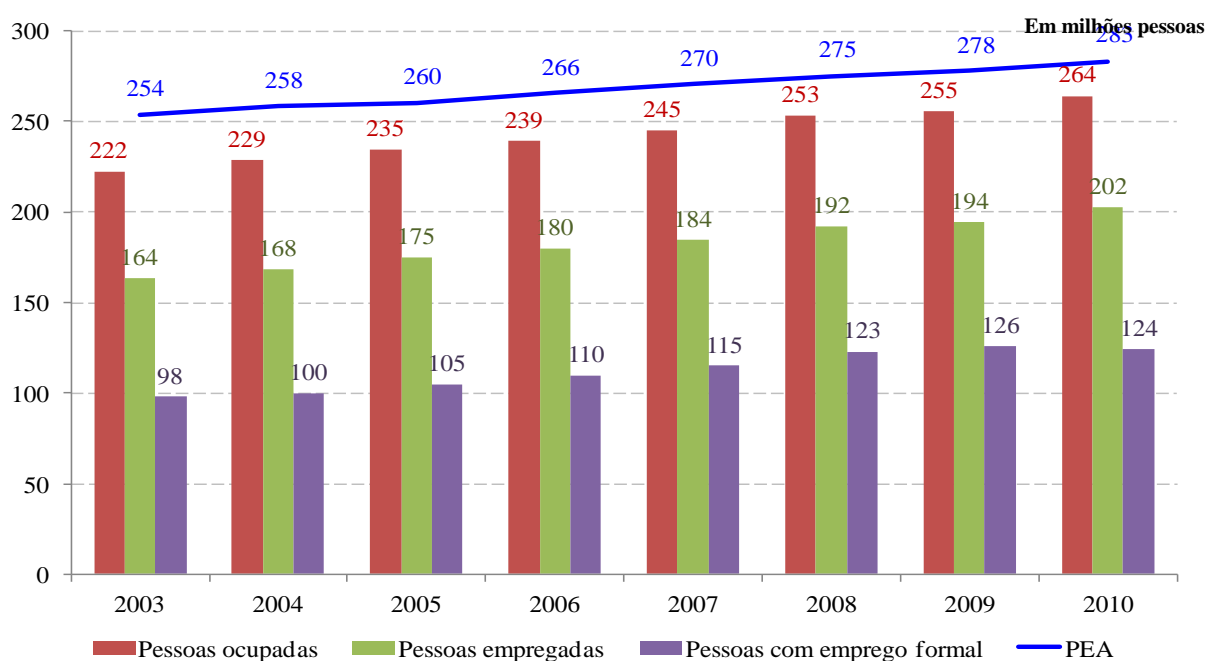
1. EMPREGO E RENDA

De acordo com Gremaud (2009) o conceito de desenvolvimento de um país diversas vezes é confundido com crescimento econômico. Crescimento econômico significa o aumento da produção de bens que suprem as necessidades humanas (crescimento do PIB). Enquanto desenvolvimento envolve tanto o crescimento econômico quanto também a origem e a qualidade do crescimento. Associa-se desenvolvimento econômico a qualidade de vida da população de determinado país. No decorrer deste capítulo vamos analisar a oferta de emprego e as mudanças que ocorreram na renda da população brasileira.

1.1. EMPREGO

Segundo Alexandre Busch (2010), o Brasil apresentou crescimento explosivo entre os a 1940 e 1980 (média de 7% ao ano); nos últimos anos, apesar do crescimento médio ser de 4,5% ao ano, está experimentando um tipo novo de crescimento com aumento do trabalho formal (empregos com carteira assinada) e maior acesso ao crédito para as famílias com menor renda.

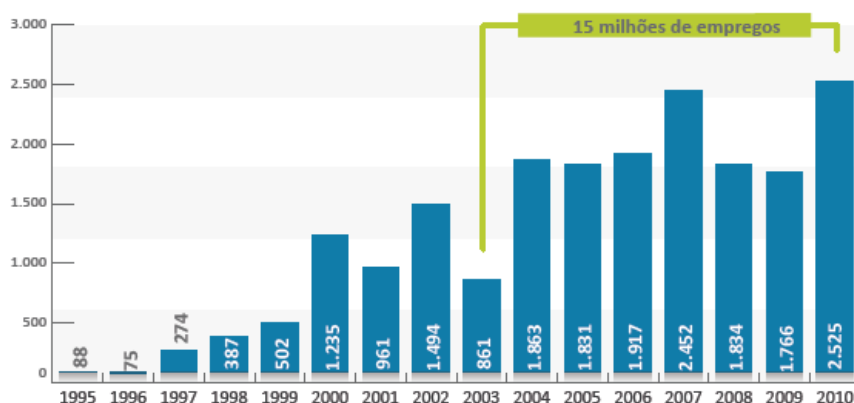
GRÁFICO 1 – POPULAÇÃO OCUPADA VS. POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego mar.2002-mai.2012. Elaboração própria.

A partir do Gráfico 1 podemos observar que no período entre 2003 e 2010 a quantidade de pessoas ocupadas teve crescimento médio de 2,5%a.a. e a quantidade de pessoas empregadas crescimento médio de 3,1%a.a., ambas apresentaram crescimento médio superior ao da quantidade de pessoas economicamente ativas que apresentou crescimento médio de 1,6%a.a.; a quantidade de pessoas com emprego formal apresentou uma tendência de aumento com média de 3,5%a.a. (queda apenas em 2010). Estas informações nos permite perceber um aumento na ocupação e oferta de emprego e maior formalização no mercado de trabalho.

GRÁFICO 2 – GERAÇÃO LÍQUIDA DE EMPREGO

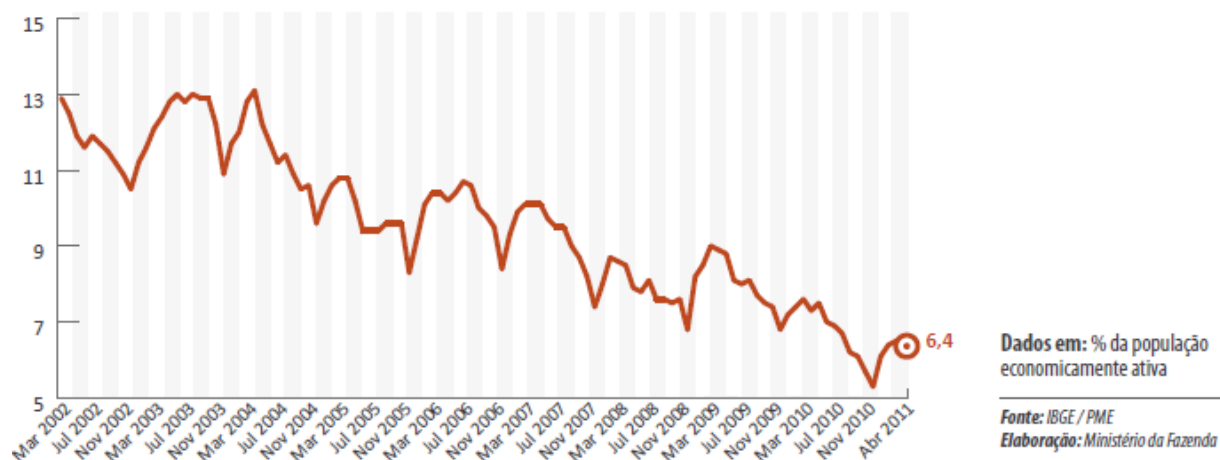


Dados em: milhares de postos de trabalho acumulados no ano, saldos do CAGED e RAIS

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego
Elaboração: Ministério da Fazenda

No período compreendido entre 2003 e 2010 foram gerados 15 milhões de empregos (produção líquida), este número representa um crescimento de 193%, conforme demonstrado no gráfico 2.

GRÁFICO 3 – TAXA DE DESEMPREGO (%PEA)

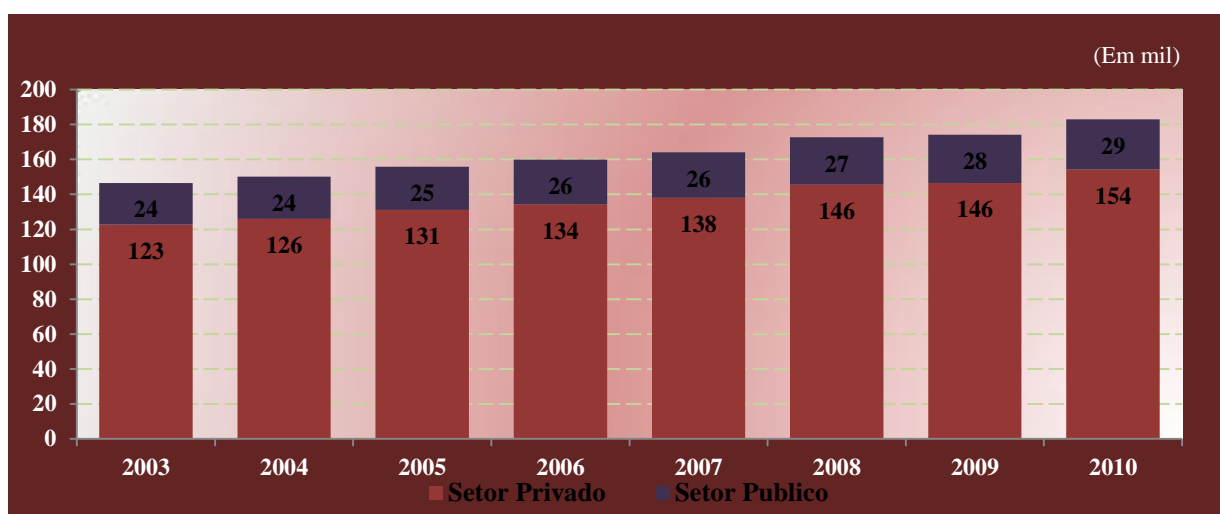


Dando sustentação as informações referentes ao aumento da oferta líquida de emprego no Brasil, o Gráfico 3 que mostra que a taxa de desemprego apresentou no período entre 2003 e 2010 forte tendência de queda e no ano de 2010 apresentou a menor taxa de desemprego do período.

1.2. SETORES PÚBLICO E PRIVADO NA OFERTA DE EMPREGO

Um ponto importante apontado por Busch (2010) é o fato de nos últimos anos o setor privado apresentar maior participação na oferta de empregos quando comparado com a participação do setor público.

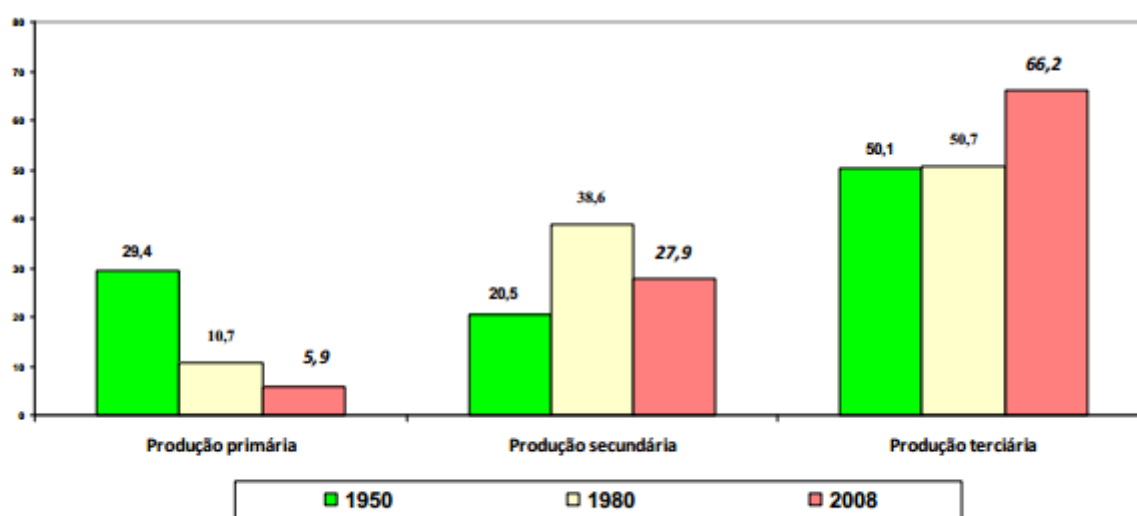
GRÁFICO 4 – SETOR PÚBLICO X SETOR PRIVADO



Pesquisa Mensal de Emprego mar.2002-mai.2012. Elaboração própria.

A participação do setor privado na oferta de emprego é consideravelmente maior que a do setor público e conforme pode ser observado no Gráfico 4 apesar de ambos os setores apresentarem crescimento constante o setor privado apresentou no período apurado crescimento 5,2% superior ao do setor público. O setor privado apresentou crescimento médio de 3,33%a.a. contra 2,68%a.a. do setor público.

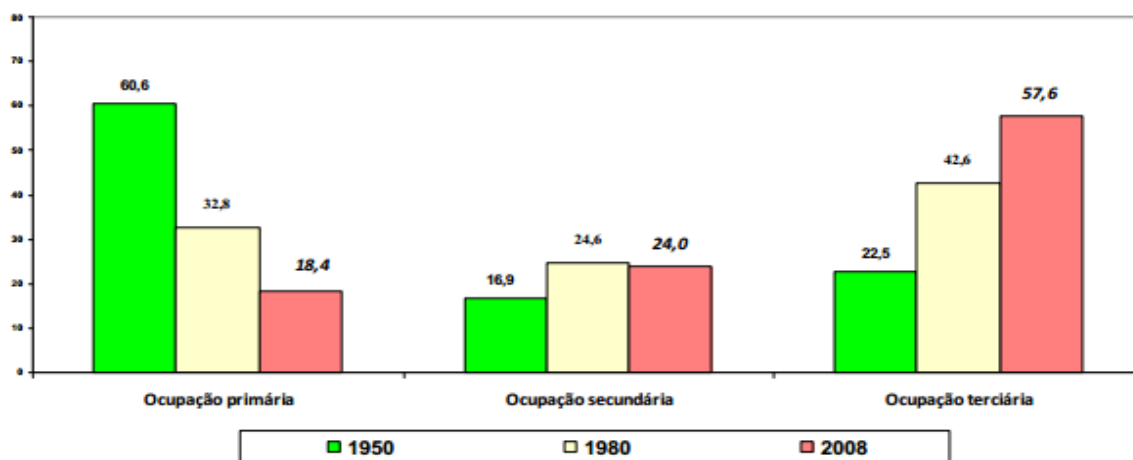
GRÁFICO 5 – BRASIL: EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO SETORIAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO (EM%)



Fonte: IBGE/Contas Nacionais (elaboração Ipea)

Entre 1950 e 1980 o crescimento da produção secundária passou de 20,5% para 38,6%, com menor participação da produção primária e sem alteração relevante no que diz respeito a produção terciária. Já no período compreendido entre 1980 e 2008 os setores primário e secundário apresentaram redução em sua participação, enquanto o setor terciário apresentou crescimento de 30,6% passando a representar 2/3 do PIB Brasil conforme gráfico 5.

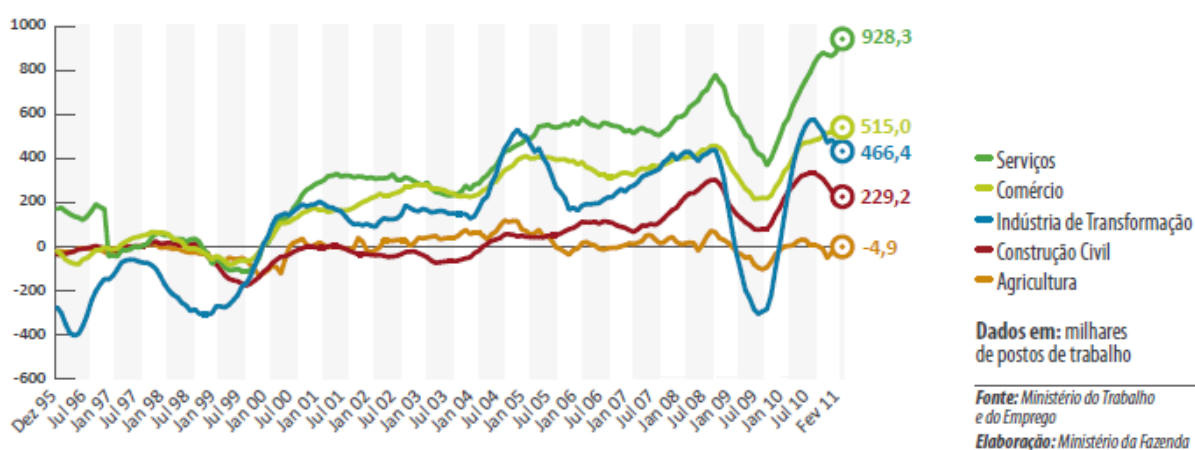
GRÁFICO 6 – BRASIL: EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO SETORIAL DA OCUPAÇÃO (EM %)



Fonte: IBGE/Censo Demográfico e PNAD (elaboração Ipea)

As mudanças que ocorreram na composição setorial do PIB influenciaram a composição da ocupação da força de trabalho. Após a década de 1980 apenas a ocupação do setor terciário apresentou crescimento, passando de 42,6% para 57,6% da ocupação total.

GRÁFICO 7 – CRIAÇÃO LÍQUIDA DE POSTOS DE TRABALHO (milhares, saldo acumulado em 12 meses)



No Gráfico 7 podemos observar uma tendência de crescimento da geração de postos de trabalho; em 2009 temos uma grande queda seguido de uma rápida recuperação da tendência de crescimento no momento seguinte. A queda que

observamos no ano de 2009 foi impulsionada pela crise financeira mundial de 2008, segundo SARAIVA, Alessandra.

Os setores da economia que apresentaram maior geração de novos postos de trabalho entre 2003 e 2010 segundo o Ministério do Trabalho e do Emprego, foram os de serviço e comércio representando no Gráfico 7 aproximadamente 70% do total de postos de trabalho formais.

TABELA 1 – PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS GRUPOS DE ANOS DE ESTUDO (EM 1.000 PESSOAS)

| | Total | Recife | Salvador | Belo Horizonte | Rio de Janeiro | São Paulo | Porto Alegre |
|--|---------------|------------|--------------|----------------|----------------|--------------|--------------|
| <i>Sem instrução e com menos de 1 ano de estudo</i> | | | | | | | |
| 2003 | 561 | 62 | 47 | 48 | 151 | 222 | 32 |
| 2004 | 527 | 58 | 52 | 45 | 133 | 210 | 28 |
| 2005 | 479 | 50 | 44 | 40 | 123 | 197 | 23 |
| 2006 | 473 | 48 | 37 | 43 | 125 | 196 | 23 |
| 2007 | 424 | 41 | 37 | 44 | 106 | 174 | 22 |
| 2008 | 375 | 33 | 38 | 41 | 84 | 155 | 23 |
| 2009 | 367 | 28 | 44 | 39 | 84 | 151 | 20 |
| 2010 | 360 | 31 | 36 | 43 | 81 | 151 | 18 |
| <i>1 a 3 anos de estudo</i> | | | | | | | |
| 2003 | 1.174 | 95 | 97 | 117 | 290 | 475 | 101 |
| 2004 | 1.120 | 91 | 92 | 116 | 280 | 449 | 92 |
| 2005 | 1.089 | 86 | 98 | 106 | 271 | 445 | 83 |
| 2006 | 1.055 | 83 | 91 | 103 | 267 | 430 | 81 |
| 2007 | 976 | 72 | 87 | 101 | 237 | 402 | 78 |
| 2008 | 919 | 63 | 86 | 96 | 228 | 369 | 76 |
| 2009 | 881 | 62 | 80 | 92 | 220 | 358 | 69 |
| 2010 | 830 | 62 | 80 | 95 | 206 | 322 | 64 |
| <i>4 a 7 anos de estudo</i> | | | | | | | |
| 2003 | 4.572 | 324 | 292 | 547 | 1.140 | 1.820 | 450 |
| 2004 | 4.576 | 306 | 292 | 548 | 1.135 | 1.851 | 444 |
| 2005 | 4.508 | 300 | 307 | 535 | 1.096 | 1.837 | 433 |
| 2006 | 4.391 | 307 | 305 | 531 | 1.069 | 1.754 | 425 |
| 2007 | 4.336 | 291 | 301 | 538 | 1.050 | 1.735 | 420 |
| 2008 | 4.300 | 289 | 292 | 543 | 1.022 | 1.733 | 419 |
| 2009 | 4.074 | 282 | 290 | 532 | 953 | 1.620 | 399 |
| 2010 | 3.967 | 276 | 287 | 529 | 904 | 1.565 | 405 |
| <i>8 a 10 anos de estudo</i> | | | | | | | |
| 2003 | 3.531 | 211 | 250 | 366 | 946 | 1.449 | 308 |
| 2004 | 3.550 | 210 | 251 | 375 | 958 | 1.445 | 312 |
| 2005 | 3.604 | 207 | 260 | 398 | 957 | 1.453 | 330 |
| 2006 | 3.601 | 211 | 271 | 417 | 942 | 1.429 | 332 |
| 2007 | 3.662 | 211 | 288 | 427 | 928 | 1.467 | 341 |
| 2008 | 3.727 | 218 | 279 | 443 | 924 | 1.513 | 350 |
| 2009 | 3.694 | 229 | 269 | 435 | 913 | 1.499 | 350 |
| 2010 | 3.800 | 237 | 276 | 455 | 923 | 1.544 | 364 |
| <i>11 anos ou mais de estudo</i> | | | | | | | |
| 2003 | 8.647 | 569 | 644 | 825 | 2.182 | 3.724 | 702 |
| 2004 | 9.240 | 606 | 700 | 902 | 2.288 | 4.003 | 741 |
| 2005 | 9.842 | 642 | 743 | 964 | 2.401 | 4.300 | 792 |
| 2006 | 10.372 | 667 | 792 | 1.061 | 2.499 | 4.531 | 822 |
| 2007 | 11.007 | 706 | 867 | 1.137 | 2.645 | 4.798 | 853 |
| 2008 | 11.773 | 743 | 901 | 1.217 | 2.816 | 5.173 | 923 |
| 2009 | 12.235 | 779 | 964 | 1.270 | 2.913 | 5.365 | 942 |
| 2010 | 13.040 | 876 | 1.035 | 1.354 | 3.116 | 5.668 | 991 |

FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego

* Médias das estimativas mensais

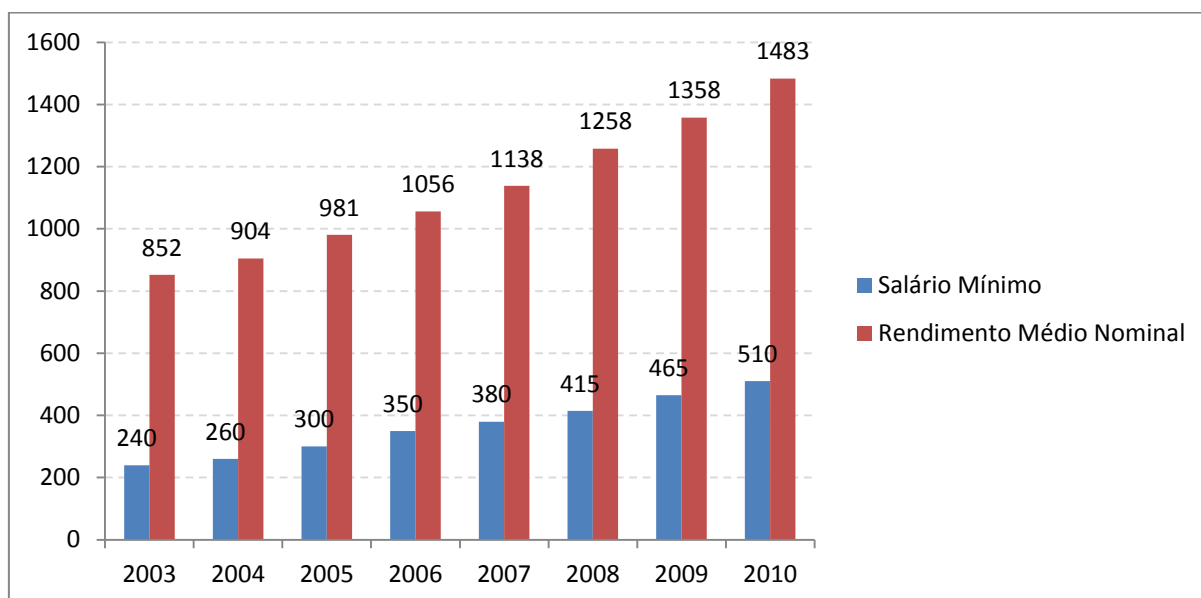
Na Tabela 1 podemos observar que o grupo que possui de 8 a 10 anos de estudos e principalmente o grupo que possui 11 anos ou mais de estudo vem ganhando espaço entre a população ocupada. O primeiro apresenta crescimento de 7,62% comparando 2003 a 2010 e o segundo apresenta 50,80% no mesmo período. Já as pessoas com menos anos de estudo vem perdendo espaço no mercado de trabalho.

1.3. DISTRIBUIÇÃO DE RENDA DA POPULAÇÃO

“Na última década, a distribuição de renda no Brasil passou por transformações extremamente marcantes. Cerca de 15% da população – 30 milhões de pessoas que viviam em famílias com renda per capita abaixo de R\$ 250 – passaram a viver com rendimentos maiores.”²

Busch (2010, p. 20), destaca que “A nova classe média sabe que deve sua ascensão à estabilidade política e econômica.”

GRÁFICO 8 - EVOLUÇÃO DO SALÁRIO MÍNIMO NOMINAL E RENDIMENTO MÉDIO NOMINAL DA POPULAÇÃO OCUPADA



Fonte: IBGE

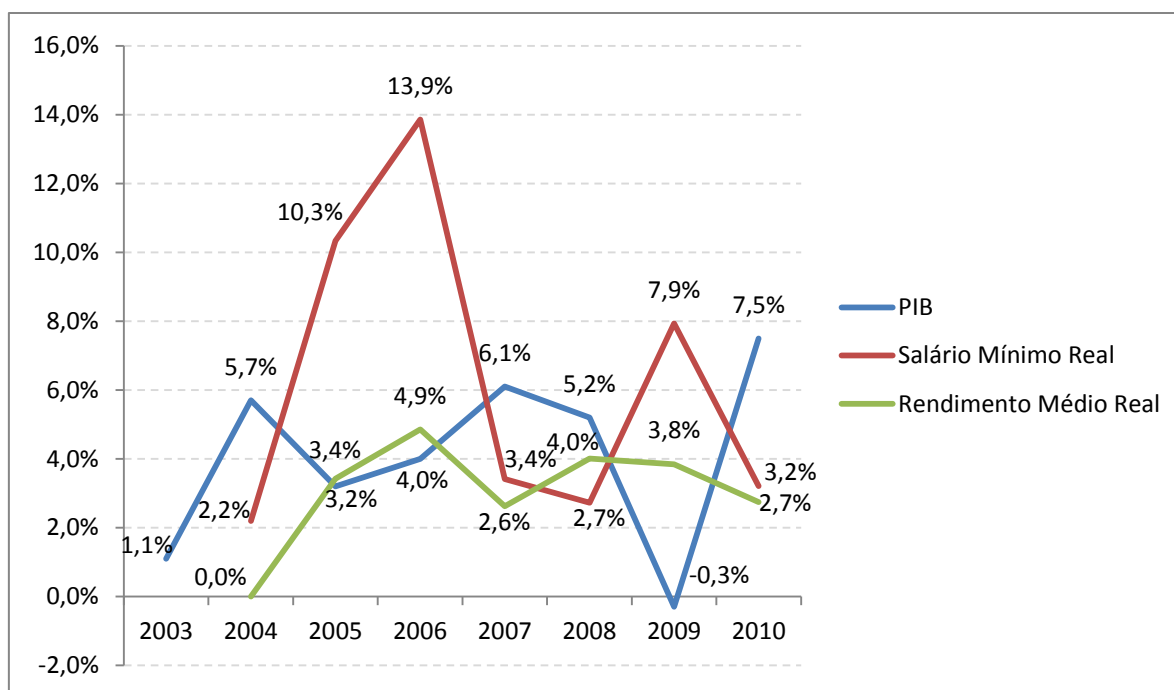
Elaboração Própria

Com base nas informações do Gráfico 8 podemos verificar que o Salário Mínimo Nominal apresentou crescimento constante com média de 11,4%. O Rendimento Médio Nominal também apresentou crescimento constante, porém com média inferior sendo esta de 8,3%.

² <http://www.sae.gov.br/site/?p=12489>

Quando comparamos o crescimento do Salário Mínimo Nominal de 2003 ao de 2010 podemos observar um crescimento de 112,5%. Rendimento Médio Nominal apresentou no mesmo período crescimento de 74,0%.

GRÁFICO 9 – EVOLUÇÃO DO PIB, SALÁRIO MÍNIMO REAL E RENDIMENTO MÉDIO REAL EFETIVO DA POPULAÇÃO OCUPADA (%)



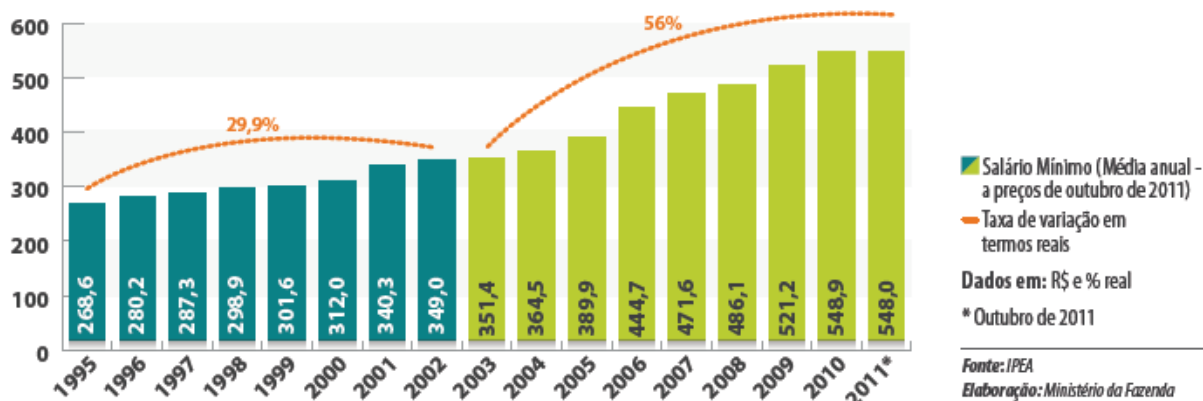
Fonte: IBGE

Elaboração Própria

Quando analisamos o crescimento real do Salário Mínimo conforme Gráfico 9 podemos verificar um crescimento constante com média de 6,2%, apresentando pico de aumento no ano de 2006 que teve 13,9%. Podemos observar que o Salário Mínimo Real apresentou durante quase todo o período aumento superior ao PIB Brasil.

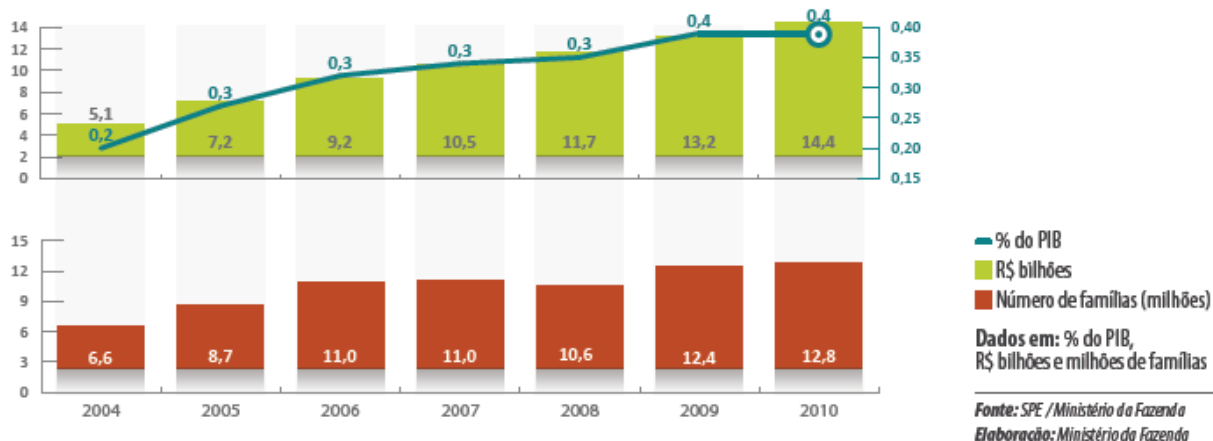
O Rendimento Médio Real da População Ocupada apresentou uma tendência de crescimento com média de 3,0% sendo inferior ao crescimento do PIB que cresceu em média 4,1%.

GRÁFICO 10 – SALÁRIO MÍNIMO A PREÇOS DE OUTUBRO DE 2011



Quando analisamos o Salário Mínimo atualizado a preços de outubro de 2011 no Gráfico 10 no período entre 2003 e 2010 verificamos um aumento de 56%, sendo em R\$197,50. O número pode parecer pequeno, mas quando comparamos com o crescimento ocorrido no mesmo espaço de tempo entre 1995 e 2002 que apresentou crescimento de R\$80,40 representando 29,9% de aumento mostra uma melhora relevante.

GRÁFICO 11 - PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA

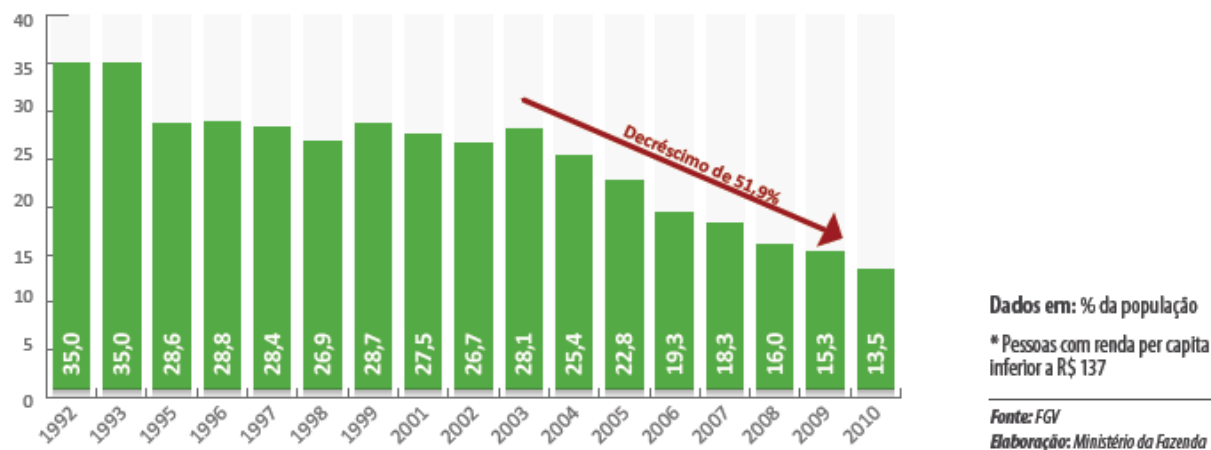


O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria (BSM), que tem como foco de atuação os 16 milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R\$ 70 mensais, e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos.³

³ <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/>

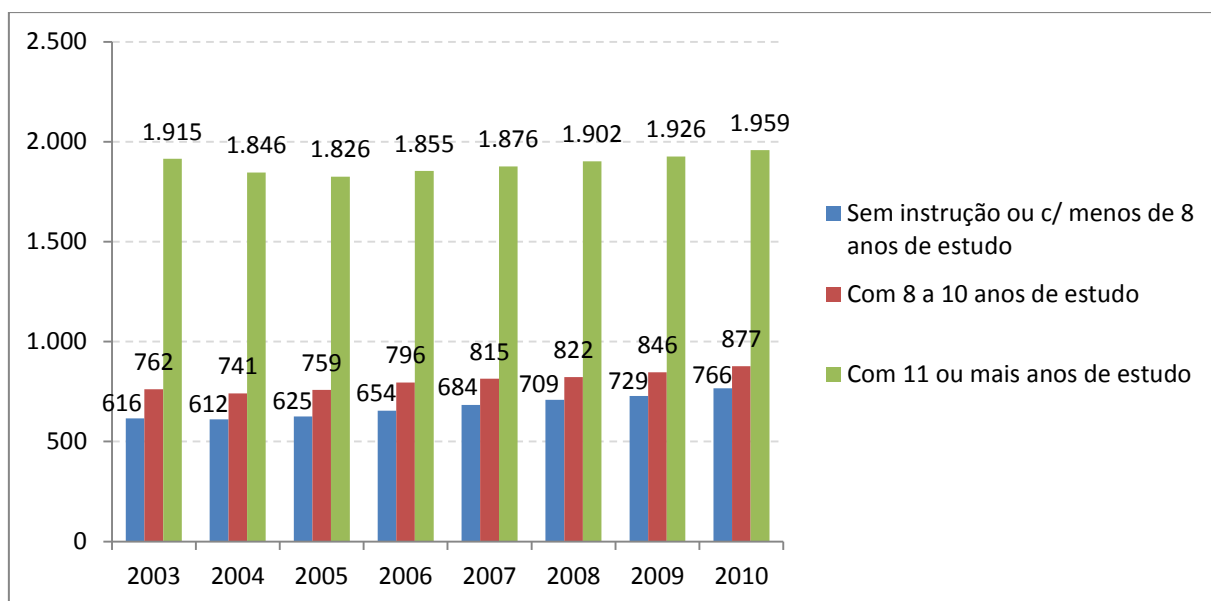
O Programa Bolsa Família que foi instituído no ano de 2004 e atendeu neste mesmo ano 6,6 milhões de famílias, em 2010 chegou a marca de 12,8 milhões de famílias com volume total de R\$14,4 bilhões representando 0,4% do PIB.

GRÁFICO 12 - PORÇÃO DE POBRES (% da população)



Incentivado pelo crescimento da Renda (Salário Mínimo / Rendimento Médio) e ainda ações do governo como o Programa Bolsa Família o nível de pobreza da população Brasileira apresentou decréscimo de 51,9%, caindo de 28,1% para 13,5%.

GRÁFICO 13 – RENDIMENTO MÉDIO REAL DA POPULAÇÃO OCUPADA, POR ANOS DE ESTUDO

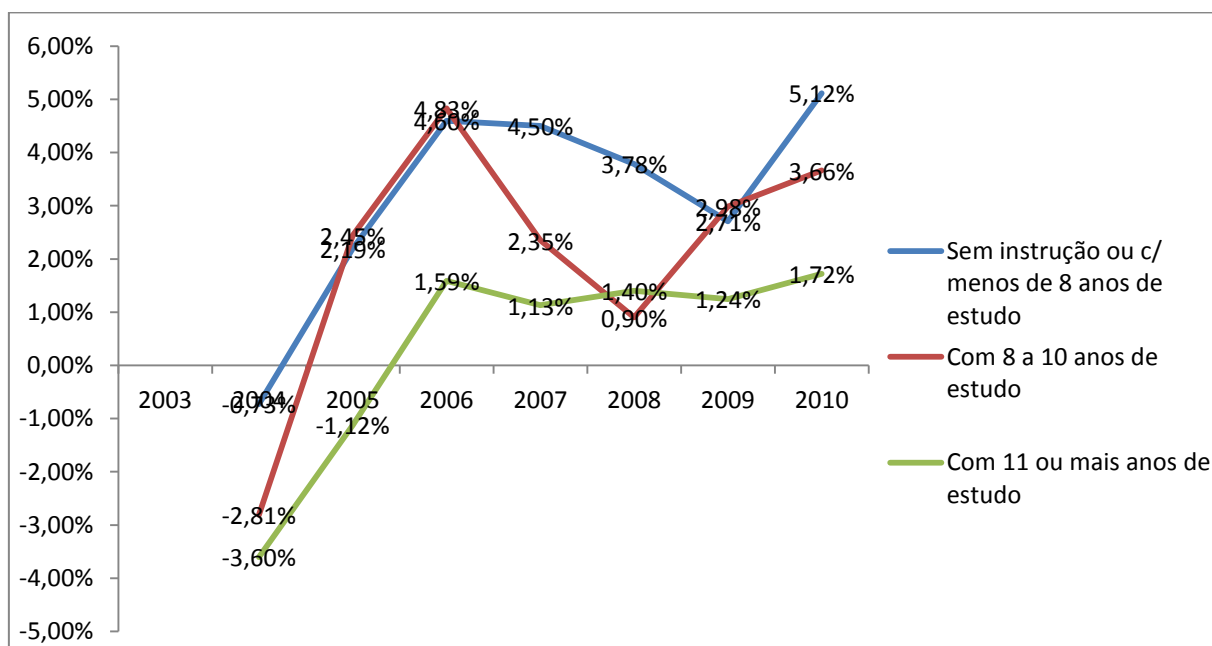


Fonte: IBGE / Elaboração Própria

No Gráfico 13 podemos perceber que quanto maior a quantidade de anos de estudo maior o rendimento médio da população, a média de rendimento entre 2003 a 2010 das pessoas que possuem 11 anos ou mais de estudo é de R\$1.888, 135% maior que a média de rendimento das pessoas com 8 a 10 anos de estudo que é de R\$802 que é 19% maior que a média de rendimento das pessoas sem instrução ou com menos de 8 anos de estudo.

Analisando as informações do Gráfico 14 podemos verificar que a média de aumento do rendimento médio da população ocupada (no período entre 2003 e 2010) foi de 3,17% para as pessoas sem instrução ou com menos de 8 anos de estudo, 2,05% para as pessoas com 8 a 10 anos de estudo e de 0,34% para as pessoas com 11 anos ou mais de estudo.

GRÁFICO 14 – VARIAÇÃO DO RENDIMENTO MÉDIO REAL DA POPULAÇÃO OCUPADA, POR ANOS DE ESTUDO (%)

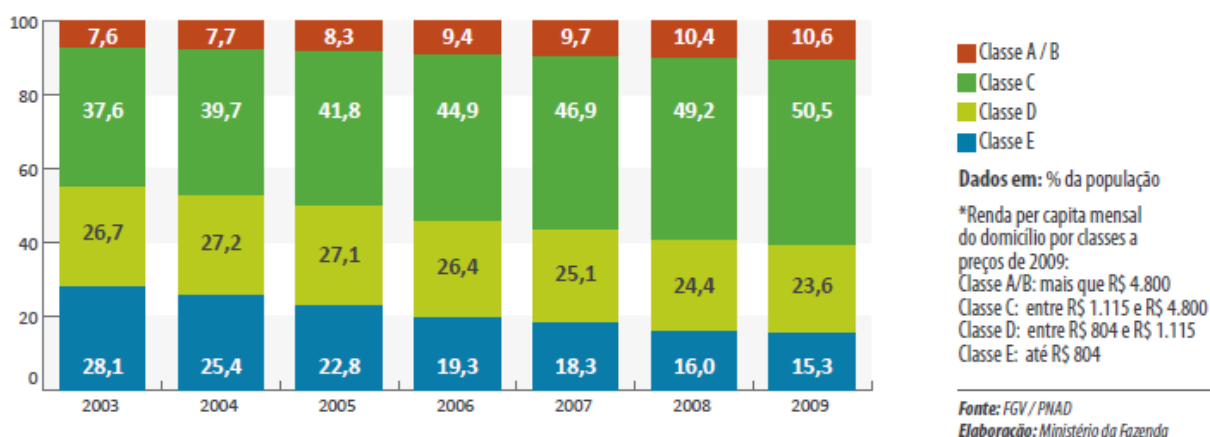


Fonte: IBGE

Elaboração Própria

O Gráfico 15 mostra claramente a mudança que ocorreu na distribuição da população por classes econômicas no período entre 2003 e 2009. Em 2009 61,1% da população faz parte das classes A/B e C, o que em 2003 representava apenas 45,2%. Podemos perceber a migração de 15,9% da população das classes E e D para as classes A/B e C.

GRÁFICO 15 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR CLASSES ECONÔMICAS (% da população)



2. CRÉDITO

Segundo o estudo realizado pela FECOMÉRCIO pág. 20 um fator de grande importância nas mudanças que ocorreram no padrão de consumo das famílias brasileiras foi o crédito. Com a maior solidez do sistema bancário aliado a abertura de novas agências pelo país possibilitou o aumento na abertura de novas contas e o acesso a cartões de crédito. Em conjunto com o aumento do rendimento, o crédito proporcionou as famílias gastar mais e com maior qualidade.

2.1. INCLUSÃO BANCÁRIA

Segundo Gilson Bittencourt, a inclusão bancária das famílias de baixa renda apresentou aumento significativo entre 2003 e 2010 sendo um fator de grande importância para o desenvolvimento da economia brasileira neste período.

Segundo o Ministério da Fazenda o governo adotou política de inclusão bancária e acesso ao crédito com o intuito de aumentar e tornar mais fácil o acesso aos serviços financeiros.

TABELA 02 – CONTA CORRENTE E RELAÇÃO COM INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS.

| ANO | 2003 | 2010* |
|---|-------------|-------------|
| POPULAÇÃO | 175 milhões | 191 milhões |
| Nº DE CPF'S COM RELACIONAMENTO COM INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS | 70 milhões | 115 milhões |
| Nº DE CONTAS CORRENTES SIMPLIFICADAS ATIVAS | 0 | 6,5 milhões |
| % DA POPULAÇÃO | 40% | 59% |

Fonte: Bacen
(*). Até outubro
Elaboração: SPE/MF

Conforme pode ser observado na Tabela 2 o percentual de pessoas que possuem relacionamento com instituições financeiras cresceu de forma bem expressiva no

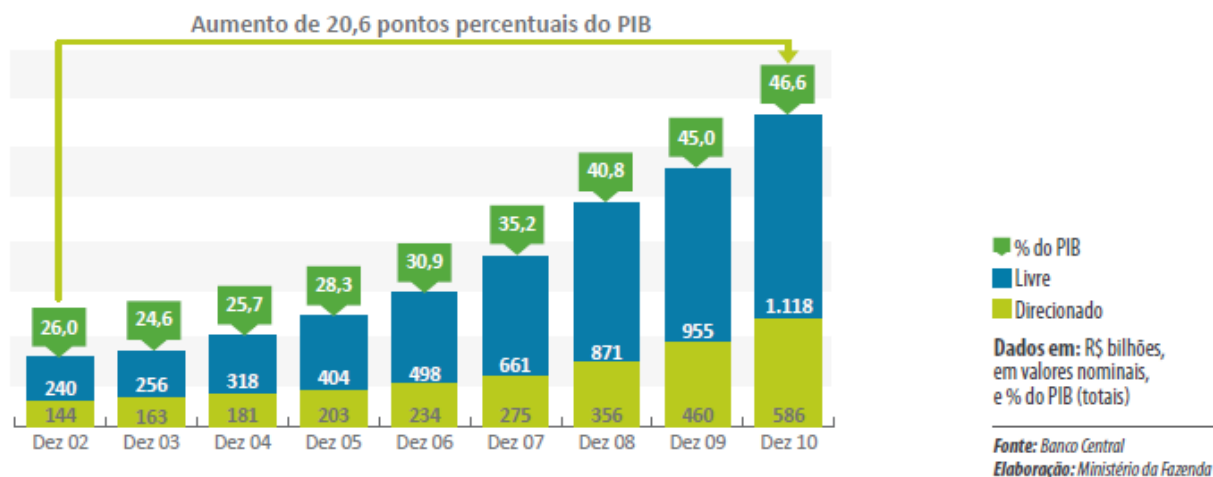
período entre 2003 e 2010. Pessoas que possuem relacionamento com instituições financeiras representavam em 2003 40% da população, já em 2010 passou a representar 59%. Enquanto a população cresceu 9,14% no período de 2003 a 2010, a quantidade de pessoas com relacionamento com instituições financeiras cresceu 64,29%. Podemos perceber que uma parcela maior da população passou a ter acesso aos serviços bancários, entre eles maior acesso ao crédito.

Criada pela Resolução nº 3.211, de 30/06/2004, direcionada a população de baixa renda para facilitar o processo de abertura, flexibilizando exigências de identificação, porém com limite máximo de movimentação de R\$2.000,00, oferecendo um pacote de serviços incluso sem cobrança de tarifas (as instituições podem cobrar tarifa caso ultrapasse o limite mensal de transações isentas estipuladas pelo BC). Foram abertas 6,5 bilhões de contas simplificadas até 2010 com maior participação dos bancos públicos federais conforme relatório elaborado pelo Ministério da Fazenda.

2.2. MAIOR ACESSO AO CRÉDITO

“A importância do crédito é claramente percebida no caso dos bens de consumo duráveis que, por serem bens de alto valor, têm sua aquisição limitada, com base na renda corrente. Assim, a existência do crédito ao consumidor tende a potencializar a demanda por esses bens; caso contrário, dever-se-ia acumular os recursos para a sua compra (a circulação desses bens seria pequena e extremamente truncada).” Gremaud 2009 pág. 138.

GRÁFICO 16 – OPERAÇÕES DE CRÉDITO COM RECURSOS LIVRES E DIRECIONADOS



A participação do crédito (empréstimos do SFN) no PIB brasileiro passou a apresentar crescimento constante a partir de 2003, dobrando sua participação, passando de 24,6% em 2003 para 46,6% em 2010, com média de crescimento de 9,64%, e crescimento de 89,43% quando comparamos 2003 a 2010 conforme Gráfico 16.

Segundo relatório (Economia Brasileira em Perspectiva) emitido pelo Ministério da Fazenda o crédito direcionado para a Pessoa Física responde por metade do crédito livre em 2010. Podemos observar que o crédito livre possui maior representatividade com relação ao crédito total, também apresentou maior crescimento quando comparamos 2003 a 2010 sendo este de 336,72% contra 259,51% de do crédito direcionado.

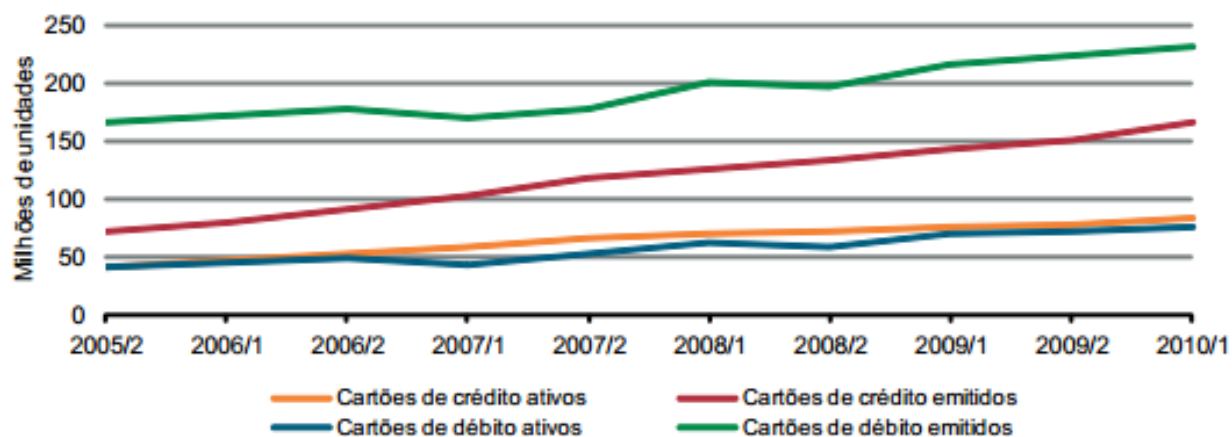
TABELA 3 – QUANTIDADE DE CLIENTES IDENTIFICADOS NO SCR (em milhares)

| Discriminação | dez/03 | dez/04 | dez/05 | dez/06 | dez/07 | dez/08 | dez/09 | dez/10 |
|----------------------------------|--------------|--------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Pessoas Físicas | 7.182 | 8.881 | 10.580 | 12.509 | 15.146 | 17.927 | 22.233 | 30.159 |
| Pessoas Físicas RT >= R\$5 mil | 5.781 | 7.365 | 9.338 | 11.248 | 14.030 | 16.619 | 20.078 | 23.808 |
| Pessoas Físicas RT < R\$5 mil | 1.402 | 1.516 | 1.242 | 1.262 | 1.116 | 1.308 | 2.155 | 6.351 |
| Pessoas Jurídicas | 900 | 1.019 | 1.137 | 1.254 | 1.464 | 1.681 | 2.190 | 2.468 |
| Pessoas Jurídicas RT >= R\$5 mil | 820 | 929 | 1.071 | 1.178 | 1.360 | 1.549 | 2.001 | 2.247 |
| Pessoas Jurídicas RT < R\$5 mil | 81 | 90 | 66 | 76 | 104 | 132 | 189 | 221 |

Nota: elaborado a partir de dados do BCB/Desig/SRC. RT = responsabilidade total (carteira de crédito ativa + cobrança + prejuízo), Sistema Financeiro Nacional (SFN), contados uma única vez.

Na Tabela 3 podemos identificar que a quantidade de pessoas físicas que possuem algum tipo de responsabilidade de crédito no BC cresceu 319,92% quando comparamos dez/2003 a dez/2010, apresentando maior crescimento entre 2009 e 2010 de 35,65%, com média de crescimento de 22,88% ao ano. Outro dado importante é que o crescimento foi maior entre as pessoas físicas com endividamento superior a R\$5 mil reais.

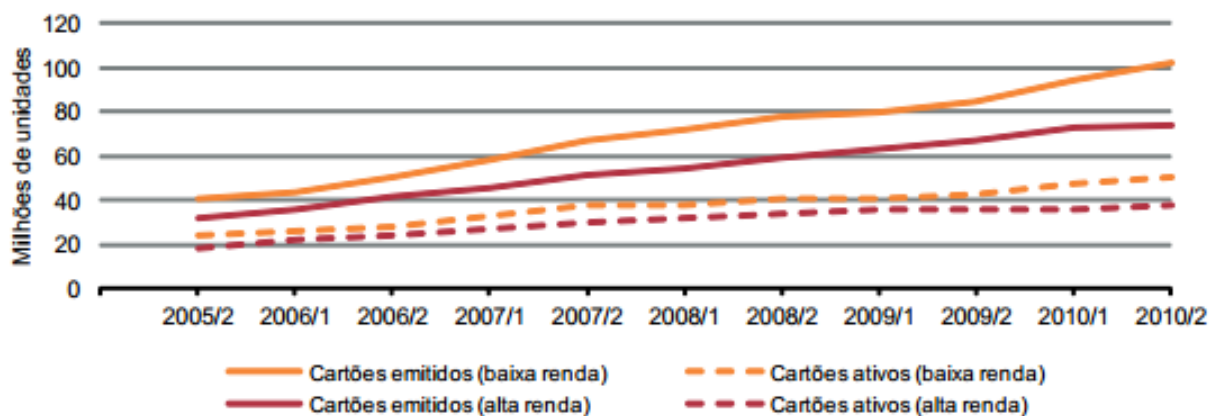
GRÁFICO 17 – NÚMERO DE CARTÕES



Nota: elaborado com base em dados do BCB/Deban, com posição no final do semestre.

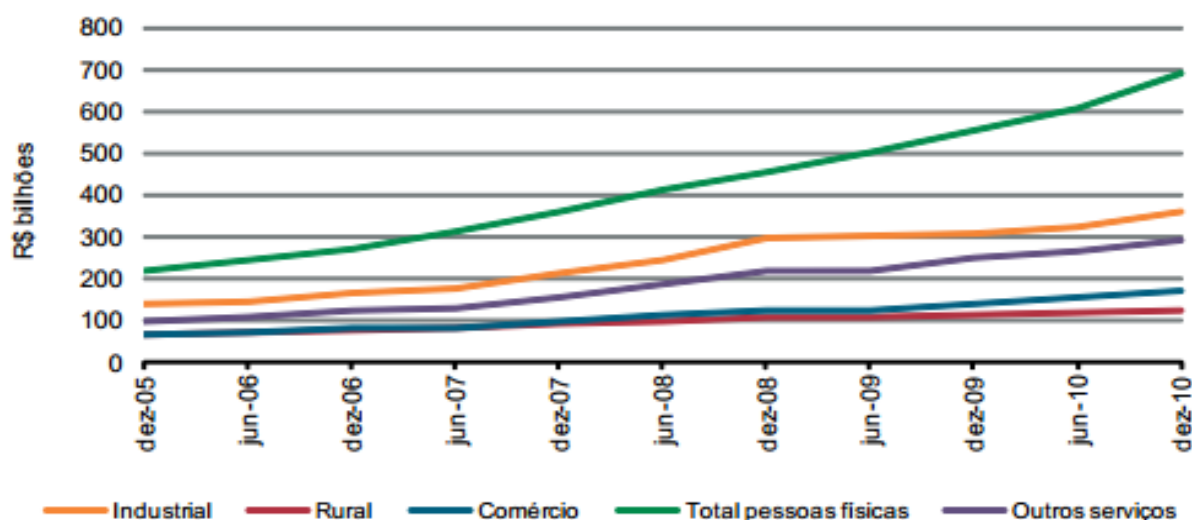
Conforme Gráfico 17 podemos observar que a emissão de cartões de crédito apresentou crescimento constante de 2005 a 2010, tanto nos cartões emitidos, quanto nos ativos apresentando crescimento de 143,0% (emitidos) e 108,7% (ativos) no período.

GRÁFICO 18 – NÚMERO DE CARTÕES POR CLASSE DE RENDA



Quando analisamos de forma segmentada por classe de renda percebemos que a população de baixa renda teve um número maior de emissões. Enquanto a emissão de cartões de crédito para a população de baixa renda apresentou crescimento de 153,5% no período entre 2005 e 2010 a população de alta renda teve crescimento de 131,6% no mesmo período conforme Gráfico 18.

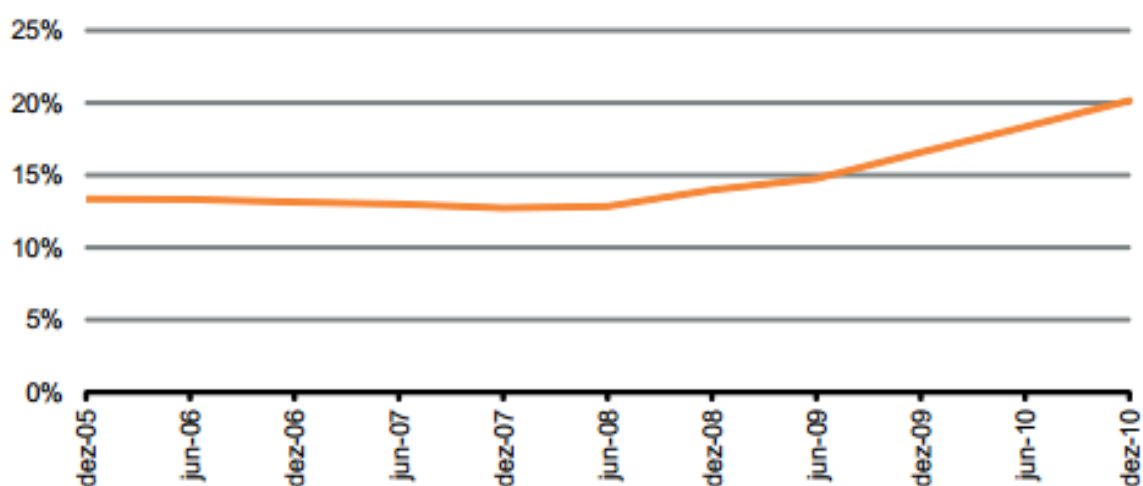
GRÁFICO 19 – CRÉDITO POR MODALIDADE



Fonte: BCB/Depec/SGS
 Nota: a modalidade "Total pessoas físicas" inclui crédito habitacional.

O crédito para pessoas físicas apresenta grande representatividade no ritmo de crescimento do crédito total, com destaque para o crédito habitacional que correspondia a 14% em 2005 para 20% em 2010 conforme pode ser observado no Gráfico 20.

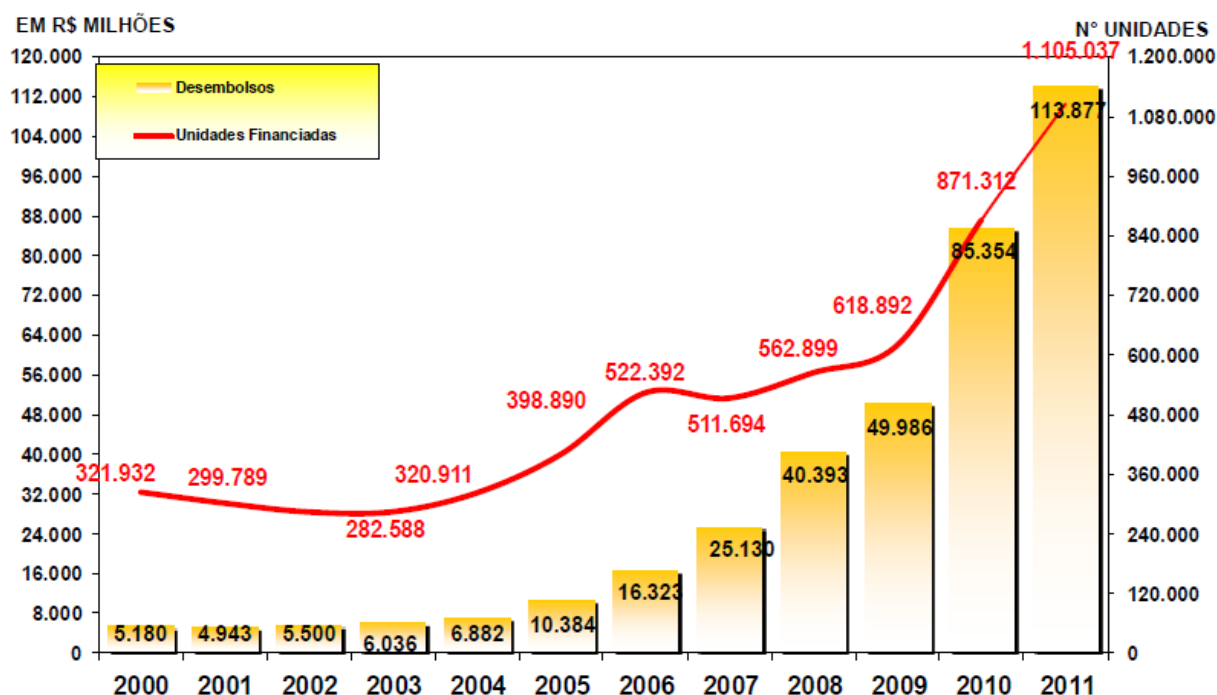
GRÁFICO 20 – PARTICIPAÇÃO DO CRÉDITO HABITACIONAL NO TOTAL PESSOA FÍSICA



Nota: elaborado com base em dados do BCB/Depec.

Conforme o Gráfico 21 podemos observar que tanto os valores de desembolso quanto a quantidade de unidades financiadas apresentaram aumento constante.

GRÁFICO 21 – EVOLUÇÃO DOS FINANCIAMENTOS TOTAIS DO SFH(SBPE+FGTS)



Fonte: ABECIP

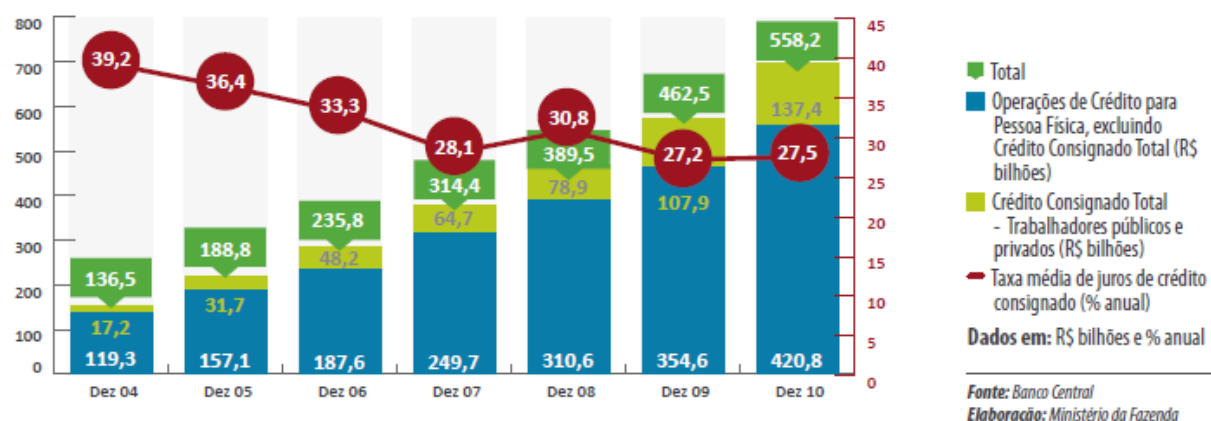
Elaboração: Bradesco

O Programa Minha Casa Minha Vida teve papel importante como incentivo neste aumento que se manteve mesmo no período de crise econômica. A média de crescimento dos desembolsos entre 2003 e 2010 foi de 47,33% com pico crescimento de 2009 para 2010 de 70,76%. Quando falamos de unidades financiadas temos um crescimento médio de 18,22% com pico de crescimento de 2009 para 2010 de 40,79%.

O Programa Minha Casa Minha Vida – PMCMV – Recursos FAR é um programa do Governo Federal, gerido pelo Ministério das Cidades e operacionalizado pela CAIXA, que consiste em aquisição de terreno e construção ou requalificação de imóveis contratados como empreendimentos habitacionais em regime de condomínio ou loteamento, constituídos de apartamentos ou casas que depois de concluídos são alienados às famílias que possuem renda familiar mensal de até R\$ 1.600,00. O PMCMV foi lançado em março/2009, com a finalidade de criar mecanismos de incentivo à produção e aquisição de 1 milhão de novas unidades habitacionais, atualmente essa meta é de 2 milhões de novas moradias para as famílias com renda bruta mensal de até R\$ 5.000,00. No âmbito do PMCMV para as famílias com renda mensal de até R\$1600,00

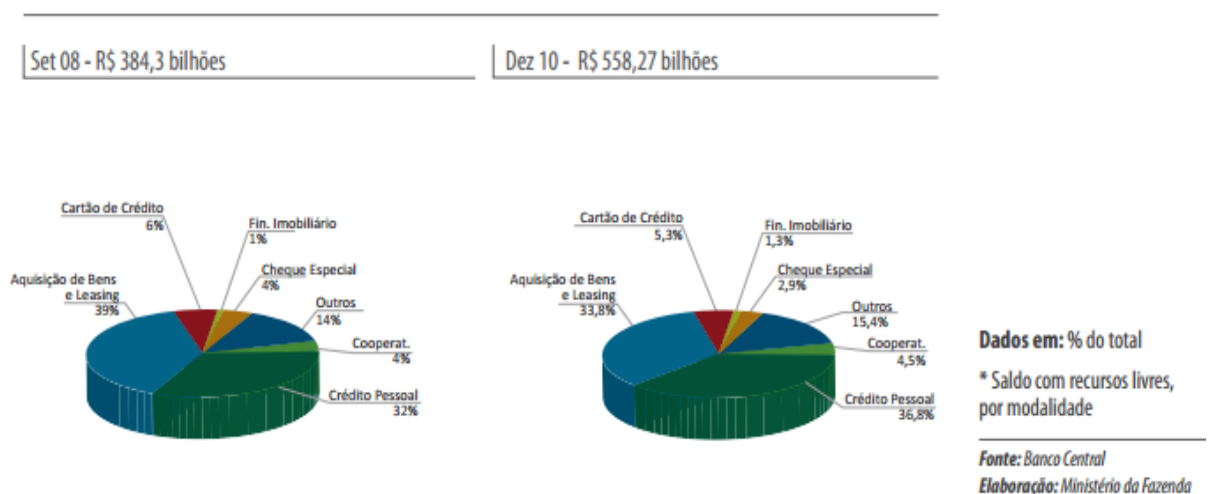
estabeleceu-se inicialmente a meta de contratação de 400 mil unidades habitacionais e, atualmente, com a continuidade do Programa a meta consiste na produção de 860.000 unidades habitacionais até o ano de 2014, para as operações contratadas com recursos especificamente do FAR.⁴

GRÁFICO 22 – OPERAÇÕES DE CRÉDITO TOTAL PESSOAS FÍSICA (CRÉDITO CONSIGNADO)



O crédito consignado vem ganhando espaço entre as linhas de crédito quando comparamos com as operações de Pessoas Física Total, enquanto o crédito total cresceu a uma média de 26,64% ao ano o crédito consignado cresceu em média 42,77% ao ano.

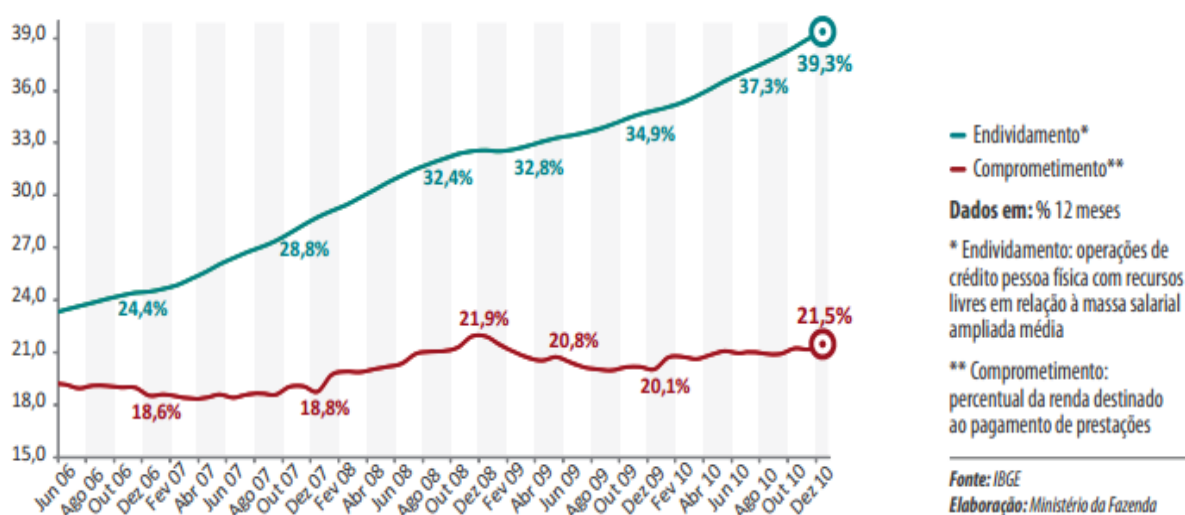
GRÁFICO 23 - OPERAÇÕES DE CRÉDITO PARA PESSOA FÍSICA*



⁴ <http://www.caixa.gov.br/habitacao/mcmv/>

Entre as operações de crédito direcionadas para pessoa física o financiamento de veículos e o crédito pessoal são as de maior representatividade sendo 39% e 32% em 2008 e 33,8% e 36,8% em 2010 respectivamente. Segundo o relatório do Ministério da Fazenda o crescimento de mais de R\$173 milhões da carteira se deu em sua maioria pelo aumento de linhas como o crédito consignado que apresentam maior prazo, menor risco e menores taxas de juros. Contribuindo para diminuição da inadimplência e aumentando a qualidade do crédito.

GRÁFICO 24 - ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS E COMPROMETIMENTO DA RENDA (% ACUM. 12 M.)

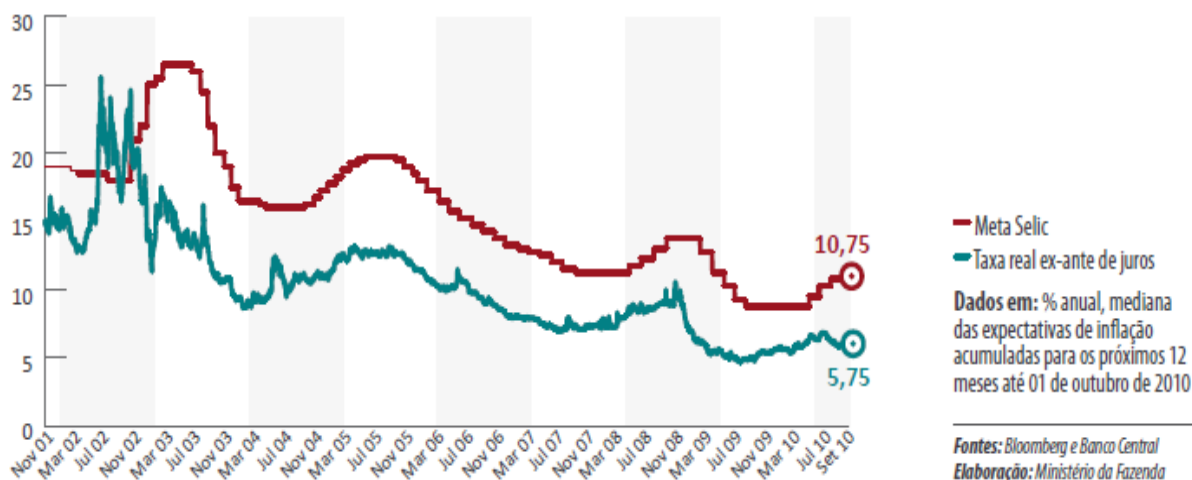


Embora o endividamento total das famílias frente à média salarial ampliada apresente crescimento bem expressivo, representando 39,3% em 2010, quando analisamos o comprometimento da renda para o pagamento de prestações podemos perceber que, não houve grandes mudanças apresentando pequena tendência de crescimento chegando em 2010 com 21,5%.

2.3. REDUÇÃO DA TAXA DE JUROS

Considerando o consumo como uma opção intertemporal, ao decidir o que consumir hoje o indivíduo faz um plano de consumo considerando a renda ao longo da vida e não apenas a renda e o consumo corrente tendo a taxa de juros como uma variável muito importante nas suas decisões. (Gremald 2009 págs. 133 e 134)

GRÁFICO 25 – TAXA SELIC E TAXA REAL ex-ante (%a.a.)



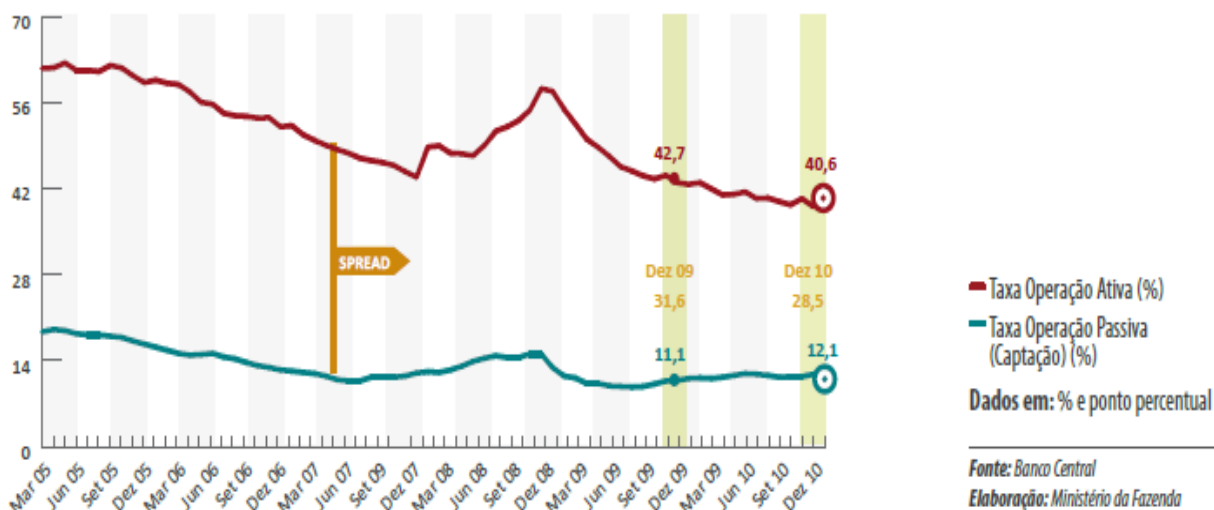
Conforme Gráfico 25 podemos observar que a taxa real de juros apresentou queda substancial quando comparamos 2003 a 2010, e forte tendência de queda ao longo do período. No mesmo período a taxa básica de juros (Selic) teve queda de 13,6 pontos percentuais.

GRÁFICO 26 – TAXA DE JUROS EM OPERAÇÕES ATIVAS DE CRÉDITO



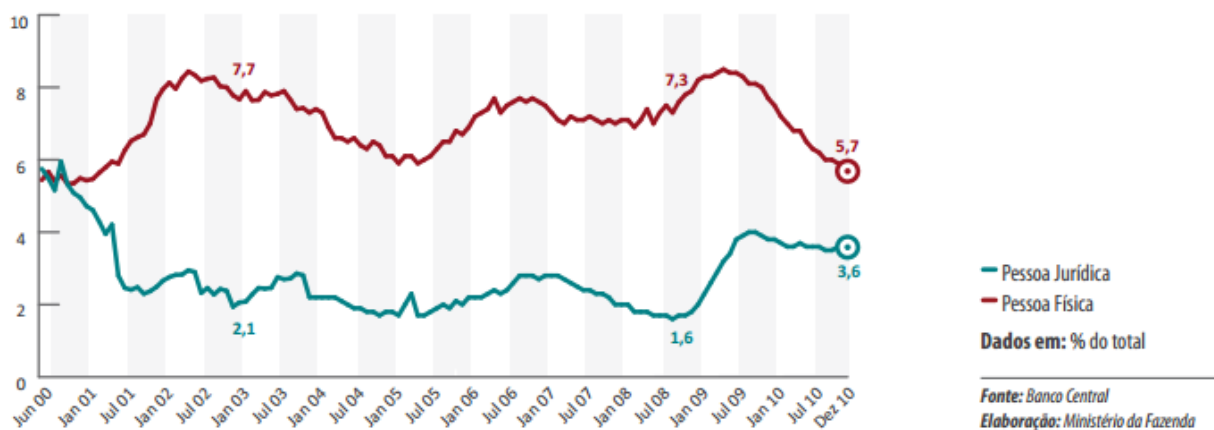
Apesar de os juros direcionados a pessoa jurídica durante o período analisado ser sempre menor que o direcionado a pessoa física podemos perceber que enquanto os juros para as operações direcionadas a pessoas jurídicas apresentou redução de 19,83% entre 2003 e 2010, as operações direcionadas a pessoas físicas apresentaram redução de 51,44% no mesmo período segundo Gráfico 26.

GRÁFICO 27 – SPREAD BANCÁRIO PESSOA FÍSICA (p.p)



Dando sustentação as informações do Gráfico 27 no Gráfico 26 podemos perceber que o spread bancário para Pessoa Física apresentou os menores níveis desde 2005 chegando a 31,6% em 2009 e 28,5% a.a. em dezembro de 2010.

GRÁFICO 28 – TAXAS DE INADIMPLÊNCIA (% DO TOTAL)



A queda da taxa de juros e do desemprego, aliada ao aquecimento da economia e aumento da renda resultaram na redução dos níveis de inadimplência dos créditos direcionados as Pessoas Físicas conforme pode ser observado no Gráfico 28. A taxa de inadimplência de 2003 que era 7,7% apresentou a menor taxa no ano de 2010 chegando a 5,7% o que representa queda de 2% no período.

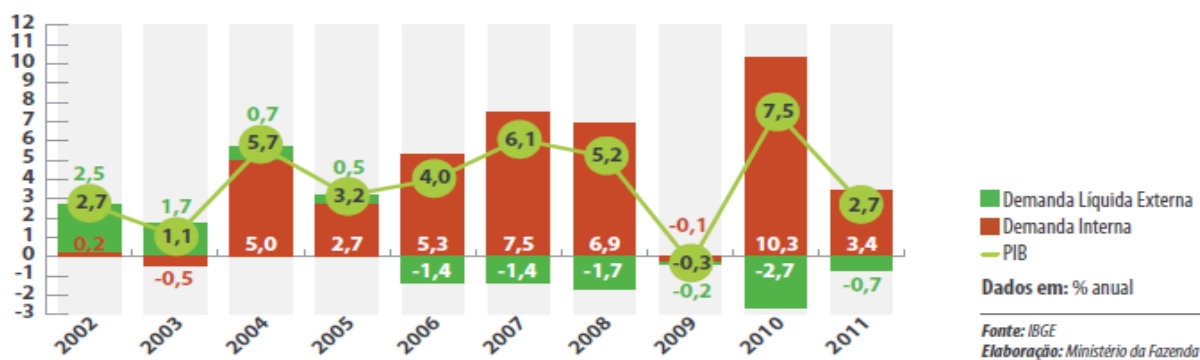
3. O CONSUMO DA NOVA CLASSE C BRASILEIRA

Busch (2010, p. 20), destaca que “No país com os maiores índices de desigualdade social e de renda do mundo inteiro, o poder de compra crescente e as chances maiores de ascensão social tem imensa importância política.”

3.1. PARTICIPAÇÃO DO CONSUMO INTERNO NO PIB BRASILEIRO

A demanda interna vem ganhando espaço no PIB brasileiro nos últimos anos, através do gráfico 29 pode-se perceber que a partir de 2004 ela passou a carregar o crescimento do Produto Interno Bruto.

GRÁFICO 29 – DECOMPOSIÇÃO DO CRESCIMENTO DO PIB (% a.a.)



Em 2002 e 2003 a demanda líquida externa apresentava maior representatividade no crescimento do PIB Brasil que a demanda interna, a partir de 2004 e nos anos seguintes até 2010 ocorreu uma mudança muito significativa na decomposição do crescimento do PIB, a demanda interna passou a ter muito mais representatividade no total de crescimento do PIB, em 2006 e nos anos posteriores a demanda externa líquida chegou a apresentar involução.

TABELA 4 - TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB E DO CONSUMO DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS.

| ANO | TAXA DE CRESCIMENTO | | | | CF / PIB (%) |
|------|---------------------|---------------------|----------------------|---------------------|--------------|
| | PIB | ACUMULADO NA DÉCADA | CONSUMO DAS FAMÍLIAS | ACUMULADO NA DÉCADA | |
| 2001 | 1,3% | 1,3% | 0,7% | 0,7% | 62,3% |
| 2002 | 2,7% | 4,0% | 1,9% | 2,6% | 62,0% |
| 2003 | 1,1% | 5,2% | -0,8% | 1,8% | 61,5% |
| 2004 | 5,7% | 11,2% | 3,8% | 5,7% | 60,3% |
| 2005 | 3,2% | 14,7% | 4,5% | 10,4% | 59,3% |
| 2006 | 4,0% | 19,3% | 5,2% | 16,2% | 60,0% |
| 2007 | 6,1% | 26,5% | 6,1% | 23,2% | 60,7% |
| 2008 | 5,2% | 33,1% | 5,7% | 30,2% | 60,7% |
| 2009 | -0,6% | 32,2% | 4,2% | 35,7% | 61,0% |
| 2010 | 7,5% | 42,1% | 7,0% | 45,2% | 64,0% |

Fonte: IBGE

O consumo das famílias apresentou forte tendência de crescimento no período compreendido entre 2003 e 2010 chegando a representar 64% do PIB em 2010 frente aos 61,5% de 2003. No ano de 2009, mesmo com o PIB apresentando queda de 0,6% no seu crescimento o consumo das famílias manteve sua taxa de crescimento em 4,2% permitindo que o a queda no PIB não fosse ainda maior.

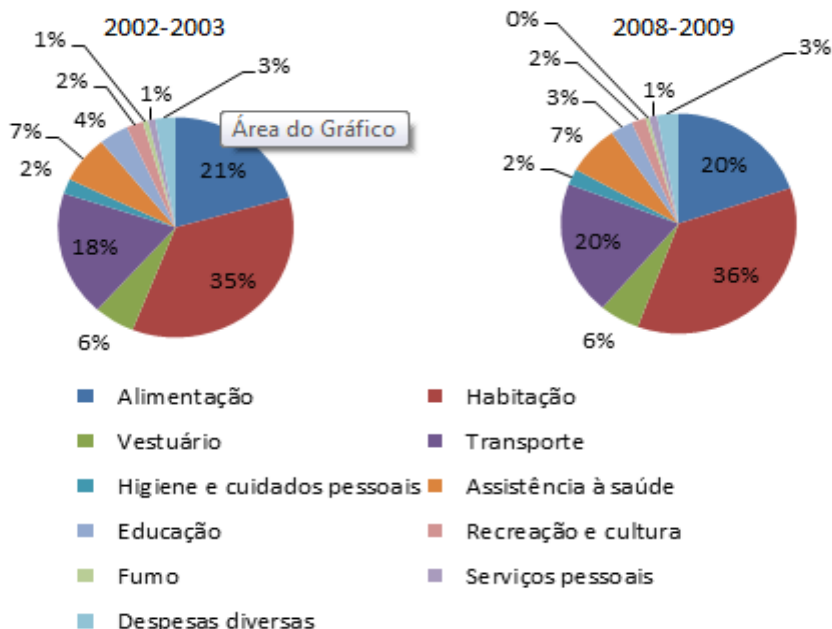
Com base na tabela é possível verificar ainda que os anos que antecederam o período pesquisado tiveram o PIB com taxa de crescimento maior que a taxa de

crescimento do consumo das famílias, isso porque no ano de 2003 a taxa de crescimento do PIB da última década foi de 5,2% contra os 2,6% de crescimento no consumo das famílias no mesmo período. O que foi repetido de forma constante até o ano de 2009 que apresentou taxa de crescimento do PIB de 32,2%, enquanto o crescimento das famílias apresentou 35,7% ambos considerando o crescimento na última década; este fato se repetiu no período seguinte (2010) com taxa de crescimento do PIB na última década de 42,1% enquanto o consumo das famílias apresentou 45,2%.

3.2. PERFIL DE CONSUMO DA CLASSE C

O consumo mensal das famílias brasileiras não apresentou grandes alterações entre o período de 2003 e 2009. Conforme podemos observar no gráfico 30, o consumo com alimentação, fumo e educação apresentou pequena queda de 1% enquanto habitação e transportes apresentaram pequeno crescimento de 1% e 2% respectivamente na participação do consumo total.

Gráfico 30 - Distribuição das despesas de consumo monetária e não monetária média mensal familiar, por tipos de despesas – Brasil.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003 e 2008-2009.

Elaboração: Própria

Segundo estudo realizado pela FECOMERCIO em 2012, na última década houve uma migração de parte da população das classes D e E para a classe C gerando um mercado potencial no interior dos Estados, reduzindo a participação das capitais no potencial de consumo brasileiro.

A partir de dados da POF citados pela FECOMERCIO, o aumento do número de pessoas empregadas fez com que passassem menos tempo em casa, o que refletiu no aumento do consumo com alimentação fora da residência. Além disso, afirma que a população está se alimentando com melhor qualidade uma vez que o aumento no consumo de carne de primeira aumentou 4,2% enquanto o consumo de frango diminuiu 11,4%.

TABELA 5 - MAIORES VARIAÇÕES DE DESPESAS DA CLASSE MÉDIA ENTRE AS EDIÇÕES 2003 E 2009 DA POF, EM VALORES DE DEZEMBRO/2010, INFLACIONADOS PELO INPC.

| ITENS | 2003 | | 2009 | | VARIAÇÃO 2003/2009 | |
|----------------------|-------------|-----------------------------------|-------------|-----------------------------------|-----------------------|-----------------------------------|
| | Valor médio | Participação nas despesas mensais | Valor médio | Participação nas despesas mensais | Valor médio | Participação nas despesas mensais |
| Imóvel (aquisição) | R\$ 41,44 | 1,34% | R\$ 85,99 | 2,98% | R\$ 1,07 | 122,07% |
| Telefone Celular | R\$ 17,52 | 0,57% | R\$ 29,82 | 1,03% | R\$ 0,70 | 82,17% |
| Almoço e jantar | R\$ 54,19 | 1,75% | R\$ 91,12 | 3,15% | R\$ 0,68 | 79,97% |
| Celular e acessórios | R\$ 7,85 | 0,25% | R\$ 10,21 | 0,35% | R\$ 0,30 | 39,18% |
| Serviços de cirurgia | R\$ 3,03 | 0,10% | R\$ 3,91 | 0,14% | R\$ 0,29 | 38,40% |
| Remédios | R\$ 72,28 | 2,34% | R\$ 89,02 | 3,08% | R\$ 0,23 | 31,83% |
| Empréstimo e carnê | R\$ 34,43 | 1,11% | R\$ 40,79 | 1,41% | R\$ 0,18 | 26,80% |
| Manicuro e pedicuro | R\$ 5,11 | 0,17% | R\$ 5,80 | 0,20% | R\$ 0,13 | 21,44% |
| Perfume | R\$ 22,96 | 0,74% | R\$ 25,93 | 0,90% | R\$ 0,13 | 20,88% |
| Cabeleireiro | R\$ 17,70 | 0,57% | R\$ 19,59 | 0,68% | R\$ 0,11 | 18,44% |

Fonte: POF (IBGE)

A Tabela 5 apresenta os indicadores que apresentaram as maiores variações de despesas entre o período de 2003 e 2009, entre eles a aquisição de imóveis é o que teve maior crescimento; em 2003 os gastos mensais com imóveis era de R\$41,44, o que representava 1,34% das despesas mensais, já em 2009 este valor passou para R\$85,99 chegando a 2,98% das despesas mensais; em seguida temos os gastos com telefone celular que apresentaram variação de 82,17% de um período para o outro.

Podemos perceber que a maior parte dos itens que apresentaram maior reajuste faz parte do setor de serviços.

CONCLUSÃO

Podemos constatar um aumento do emprego superior ao crescimento da população economicamente ativa, fato que foi impulsionado pelo setor terciário – principalmente na área de serviços e no comércio – que em 2008 representou 2/3 do nosso Produto Interno Bruto. O crescimento médio da quantidade de pessoas empregadas e de pessoas com emprego formal foi de 3,1% e 3,5% respectivamente.

Com o aumento da população empregada, em conjunto com planos de distribuição de renda como o programa Bolsa Família e o aumento real do salário mínimo superior ao crescimento do PIB, o Brasil apresentou aumento da renda *per capita* da população e redução no grau de desigualdade da distribuição de renda. Estas mudanças surtiram maior representatividade para os trabalhadores que se encontram na base da pirâmide, reduzindo consideravelmente a quantidade de pessoas que se encontram na condição de pobreza. No ano de 2009 mais de 60% da população passou a se enquadrar na condição de classe A/B e C. A classe C apresentou crescimento de 12% entre 2003 e 2009 enquanto a classe D teve redução de 3,1% e a classe E 12,8%.

É importante ressaltar que apesar das mudanças que ocorreram para os trabalhadores que se encontram na base da pirâmide não podemos classificar a maior parte destas pessoas como classe média, uma vez que a definição de classe média vai muito além de enquadramento de renda e poder de compra.

Para favorecer o consumo, o Governo Federal iniciou algumas políticas de incentivo para o acesso ao crédito e ao sistema bancário. Entre as principais medidas adotadas temos O Programa Minha Casa Minha Vida e a redução da taxa básica de juros (SELIC). A média de crescimento dos financiamentos pelo Sistema Financeiro da Habitação foi superior a 47% a.a. entre 2003 e 2010. As taxas de juros aplicadas a operações direcionadas a pessoa física tiveram queda de mais de 50% no período e o endividamento das famílias chegou a 39,3% (acumulado 12 meses) em 2010 mais de 14% superior ao de 2006. Com acesso ao sistema bancário e incentivo ao crédito a população de baixa renda passou a ter maior poder de compra o que resultou em forte aumento do consumo interno.

BIBLIOGRAFIA

- BACEN. Relatório de Inclusão Financeira. Brasília, BACEN, 2011; disponível em <http://www.bcb.gov.br/Nor/relinconfin/RIF2011.pdf> acessado em 10/09/2012.
- BUSCH, Alexander. Brasil, país do presente: O poder econômico do “gigante verde”; tradução de Flavio Quintiliano. São Paulo, Cultrix, 2010.
- CEF. Programa Minha Casa Minha Vida – Recursos FAR. Brasília, CEF, 2009; disponível em http://www1.caixa.gov.br/gov/gov_social/municipal/programas_habitacao/pmc_mv/saiba_mais.asp acessado em 20/08/2012.
- CHIARA, Marcia de. Nova classe média já gasta mais com serviços do que com bens de consumo. São Paulo, Jornal O Estado de S. Paulo, 2011; disponível em <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia,nova-classe-media-ja-gasta-mais-com-servicos-do-que-com-bens-de-consumo,87493,0.htm> acessado em 09/01/2013.
- COSTA, Gilberto. Especialistas divergem sobre ascensão da nova classe média. Brasília, Agência Brasil, 2012; disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-10-02/especialistas-divergem-sobre-ascensao-da-nova-classe-media>.
- DIÉGUEZ, Carla. O que é classe social? São Paulo, Sinprorp, 2008; disponível em <http://www.sinprorp.org.br/clipping/2008/081.htm> acessado em 03/03/2012.
- IBGE. Pesquisa mensal de Emprego. Rio de Janeiro, IBGE, 2013; disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttab2.shtm acessado em 21/02/2013.
- IBGE. Principais destaques da evolução do mercado de trabalho nas regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa. Rio de Janeiro, IBGE, 2010; disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/retrospectiva2003_2010.pdf acessado em 12/12/2011.

- IBGE. Principais destaques da evolução do mercado de trabalho nas regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa. Rio de Janeiro, IBGE, 2011; disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/retrospectiva2003_2010.pdf acessado em 09/11/2011.
- IPEA. Natureza e dinâmica das mudanças recentes na renda e na estrutura ocupacional brasileiras. Brasília, Secretaria de Assuntos Estratégicos, 2011; disponível em http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D3374524E013389E20D294A08/IP_EA_110804_comunicadoipea104.pdf acessado em 17/03/2012.
- FECOMERCIO, Nova classe média deve puxar crescimento econômico até 2020. São Paulo, FECOMERCIO, 2010; acessado em http://www.fecomercio.com.br/?option=com_institucional&view=interna&Itemid=12&id=2958 acessado em 10/09/2012.
- FECOMERCIO. A evolução da classe média e o seu impacto no varejo. São Paulo, FECOMERCIO, 2012; disponível em http://www.fecomercio.com.br/arquivos/arquivo/economico/estudoclassemidia_fa35e192.pdf acessado em 17/03/2013.
- FRANCO, Moreira. O que define a classe média. Brasília, Secretaria de Assuntos Estratégicos, 2012; disponível em http://www.sae.gov.br/site/?post_type=post&p=12414 acessado em 01/10/2012.
- FRIEDLANDER, David. A nova classe média do Brasil. São Paulo, Revista Época, 2008; disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI10074-15204,00-A+NOVA+CLASSE+MEDIA+DO+BRASIL.html> acessado em 09/01/2013.
- FUSTAINO, Joanna. O consumo de crédito no mercado de baixa renda: fatores contribuintes para o aumento das dívidas. Piracicaba, 2009; disponível em <https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/GKGXMXFRVWEL.pdf> acessado em 12/09/2012.

GREMAUD, Amaury Patrick; VASCONCELIOS, Marcos Antonio Sandoval de; TONETO Jr., Rudinei. Economia Brasileira Contemporânea. 7ª edição. São Paulo, Atlas, 2009.

MUNIZ, Letícia. Classe C consome R\$ 1,03 trilhão anualmente. São Paulo, 2012; disponível em <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/classe-c-consumo-1-03-trilhao-anualmente-diz-estudo> acessado em 09/01/2013.

NERI, Marcelo Cortes. A Nova Classe Média: O Lado Brilhante dos Pobres. Rio de Janeiro, FGV, 2010; disponível em http://www.cps.fgv.br/ibrecps/ncm2010/NCM_Pesquisa_FORMATADA.pdf.

NICACIO, Adriana. A nova classe média brasileira. São Paulo, Isto é dinheiro nº Ed. 522, 2007; disponível em http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/6066_A+NOVA+CLASSE+MEDIA+BRASILEIRA acessado em 06/05/2012.

POCHMANN, Marcio. Nova Classe Média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo, Boitempo, 2012.

SARAIVA, Alessandra, Crise ajudou a criar 1,3 milhão de desempregados no Brasil. São Paulo, Jornal Estadão, 2010; disponível em <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia%20brasil,crise-ajudou-a-criar-13-milhao-de-desempregados-no-brasil,34443,0.htm> acessado em 13/08/2012.

SECRETARIA DE IMPRENSA. Inclusão bancária dos mais pobres ajudou a impulsionar economia brasileira. Brasília, Blog do Planalto, 2010; disponível em <http://blog.planalto.gov.br/inclusao-bancaria-dos-mais-pobres-ajudou-a-impulsionar-economia-brasileira/> acessado em 05/09/2012.

SECRETARIA DE POLÍTICA ECONÔMICA. Economia Brasileira em Perspectiva 15ª Edição. Brasília, Ministério da Fazenda, 2012; disponível em <http://www.fazenda.gov.br/portugues/docs/perspectiva-economia-brasileira/edicoes/Economia-Brasileira-Em-Perpectiva-Mar-Abr12-alterado.pdf> acessado em 06/05/2012.

SECRETARIA DE POLÍTICA ECONÔMICA. Economia Brasileira em Perspectiva 11ª Edição. Brasília, Ministério da Fazenda, 2011; disponível em <http://www.fazenda.gov.br/portugues/docs/perspectiva-economia-brasileira/edicoes/Economia-Brasileira-Em-Perpectiva-Mar-Abr11.pdf> acessado em 09/2011.

SECRETARIA DE POLÍTICA ECONÔMICA. Inclusão Financeira e Microcrédito no Governo Federal 2003 a 2010. Brasília, Ministério da Fazenda, 2010; disponível em http://www.fazenda.gov.br/spe/publicacoes/conjuntura/bancodeslides/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_Inclus%C3%A3o%20Financeira_SPE%206%2012%202010.pdf acessado em 05/09/2012.

SENARC. Bolsa Família. Brasília, SENARC, 2012; disponível em <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia> acessado em 23/07/2013.

VICENTE, Eliana. 'Nova classe média'? Uma abordagem antropológica sobre consumo, mobilidade e inclusão social. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2012; disponível em http://www.proppi.uff.br/ppga/sites/default/files/eliana_vicente_nova_classe_media_-_uma_abordagem_sobre_consumo_mobilidade_e_inclusao_social.pdf acessado em 20/03/2013.